



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

ALÍCIA GOMES DOS SANTOS

**TESTEMUNHO PORQUE DOCUMENTO, DOCUMENTO
PORQUE TESTEMUNHO:
RACISMO, ESCRIVIVÊNCIA E ENSINO DE ARTE**

Londrina

2025

ALÍCIA GOMES DOS SANTOS

**TESTEMUNHO PORQUE DOCUMENTO, DOCUMENTO
PORQUE TESTEMUNHO:
RACISMO, ESCRIVIVÊNCIA E ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Artes Visuais. Área de concentração: Poéticas Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Elke P. Coelho Santana.

Londrina

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

SANTOS, ALÍCIA GOMES DOS .

TESTEMUNHO PORQUE DOCUMENTO, DOCUMENTO PORQUE
TESTEMUNHO : RACISMO, ESCRIVIVÊNCIA E ENSINO DE ARTE / ALÍCIA
GOMES DOS SANTOS. - Londrina, 2025.
90 f. : il.

Orientador: ELKE PEREIRA COELHO SANTANA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) -
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes,
Graduação em Artes Visuais, 2025.
Inclui bibliografia.

1. ARTE VISUAL - TCC. 2. ARTE CONTEMPORÂNEA - TCC. 3. RACISMO -
TCC. 4. ENSINO DE ARTE - TCC. I. SANTANA, ELKE PEREIRA COELHO . II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes.
Graduação em Artes Visuais. III. Título.

CDU 73

ALÍCIA GOMES DOS SANTOS

**TESTEMUNHO PORQUE DOCUMENTO, DOCUMENTO
PORQUE TESTEMUNHO:
RACISMO, ESCRIVIVÊNCIA E ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Artes Visuais. Área de concentração: Poéticas Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Elke P. Coelho Santana
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Valter do Carmo Moreira
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Ângela Maria de Sousa Lima
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de junho de 2025.

Dedico este trabalho à toda comunidade que se fez presente na minha trajetória para que este sonho se tornasse realidade. E a todos meus ancestrais, que me acompanharam nesta caminhada que se chama vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por sempre apoiarem meus sonhos, em especial à minha mãe, que nunca mediu esforços para me manter estudando. Mãe, obrigada por me ensinar tudo, você me ensinou muito sobre amor. Que o amor faz doer, mas que também pode curar. Gratidão pela sua sabedoria de levar a vida. Você é uma das pessoas mais sensíveis e bondosas que eu conheci, muito obrigada pela sua força, a força de sete búfalos para nos defender de todo o mal.

À minha orientadora, Elke Coelho, que foi muito importante neste processo, tendo a paciência em continuar segurando a minha mão, caminhando junto comigo para tornar esta pesquisa viva.

À toda equipe do SEBEC-UEL (Serviço Social de Bem Estar à Comunidade da Universidade Estadual de Londrina), que aliviou a minha formação acadêmica oferecendo política pública de inclusão social. Aproveito para agradecer à professora Ângela Maria de Sousa Lima, atual chefe do SEBEC, que eu convidei para participar deste momento especial, e meu querido professor Valter do Carmo Moreira, que também compõe a banca avaliadora desta pesquisa; a ambos: obrigada pela confiança e atenção para com o meu trabalho.

A todos os meus amigos que participaram ativamente das atividades do Projeto L.I.C (Liberdade, Igualdade e Conhecimento) - tudo que lerão a diante só foi possível de existir porque o coletivo se movimentou com o mesmo propósito.

*Ao saber da existência dos oceanos,
Iracema compreendeu a sua sensação de estar sempre à margem.*

Elke Coelho

SANTOS, Alícia Gomes dos. *Testemunho porque documento, documento porque testemunho*: racismo, escrevivência e ensino de arte. 2025. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RESUMO

Este trabalho é resultado de produções poéticas realizadas durante o curso de Artes Visuais, que, por sua vez, culminou em um conjunto de ações culturais e educacionais na cidade de Apucarana (PR), por meio de um projeto aprovado pela Lei Paulo Gustavo - Lei Nacional de Incentivo à Cultura. A produção artística deste projeto denuncia a falta de direitos humanos e violências impostas pelo sistema de sociedade brasileira; conta com relatos e histórias vividas por mim enquanto criança e adolescente, o que associo ao conceito de “Escrevivência”, abordado pela escritora Conceição Evaristo. O estado racista em que vivemos determina todos os dias qual corpo deve ser violentado e qual corpo deve ser protegido; por eu ser uma mulher preta e favelada, carrego em mim as marcas de injustiças sociais, percebendo a potência que a minha arte, contemporânea, tem quando se comunica com pessoas que compartilham das mesmas injustiças sociais. O projeto citado tem como um dos objetivos permitir que jovens e adolescentes da cidade de Apucarana (PR) tenham contato com artes visuais, diminuindo a criminalidade, promovendo consciência racial e social.

Palavras-chave: ensino de arte, racismo, escrevivência, arte contemporânea.

SANTOS, Alícia Gomes dos. *I testify because I document, I document because I testify: racism, blackness and art teaching*. 2025. 90 f. Course Conclusion Paper (Graduation in Visual Arts) – State University of de Londrina, Londrina, 2025.

ABSTRACT

This work is the result of poetic productions carried out during the Visual Arts course, which, in turn, culminated in a set of cultural and educational actions in the city of Apucarana (PR), through a project approved by the Paulo Gustavo Law - National Law of Incentive to Culture. The artistic production of this project denounces the lack of human rights and violence imposed by the Brazilian social system; it features accounts and stories experienced by me as a child and adolescent, which I associate with the concept of “Escrivivência”, addressed by the writer Conceição Evaristo. The racist state in which we live determines every day which body should be violated and which body should be protected; as a black woman from a favela, I carry within me the marks of social injustices, realizing the power that my contemporary art has when it communicates with people who share the same social injustices. One of the objectives of the aforementioned project is to allow young people and adolescents from the city of Apucarana (PR) to have contact with visual arts, reducing crime and promoting racial and social awareness.

Keywords: art teaching, racism, blackness, contemporary art.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. RACISMO ESTRUTURAL	17
2.1 TROCANDO IDEIAS COM DJAMILA RIBEIRO	22
2.2 O RACISMO E O SISTEMA CARCERÁRIO	24
3. ESCRECVÊNCIA	27
4. TODO ARTISTA É UM PROFESSOR	30
4.1 MAXWELL ALEXANDRE	46
5. A EXPRESSÃO DO ÓDIO	53
6. O CONHECIMENTO É ANCESTRAL	71
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU TROCANDO MAIS IDEIAS COM PAULO FREIRE	86
8. REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

Mano, o primeiro contato que eu tive com o racismo foi no momento em que eu nasci, porque quando nascemos negros em um país que foi colonizado, infelizmente, somos mais um corpo para a manutenção desse sistema escravocrata. Nasci na cidade de Serra Negra (SP) e com seis anos fui morar em Apucarana (PR), na casa da minha avó, eu, minha mãe e meus dois irmãos. Sempre gostei de estudar, mas demorei para me enxergar como uma pessoa inteligente, na verdade demorei para me enxergar como pessoa, porque o racismo fez o desserviço de tirar meus direitos humanos, e quando um sistema social inteiro está disposto a desumanizar pessoas não brancas, o sentimento de não merecimento foi o resultado que me acompanhou durante o processo educacional.

O escritor Michel Foucault (2012) desenvolveu um conceito chamado “biopoder”, que se refere a uma técnica de controle que busca criar um estado de vida em determinado grupo para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis; é como se a economia do Brasil dependesse arditosamente do sofrimento de quem vive à margem da sociedade, como coloca o autor: “agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação. A morte é o limite, o momento que lhe escapa. Ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado” (Foucault, 2012, p. 151). Assim, privar pessoas negras e economicamente vulneráveis de estudos é, neste país, uma clara estratégia de controle do poder.

Durante a infância, vivi agressões de professores e coleguinhas racistas. Queria muito abandonar a escola, por ser um ambiente preparado para expulsar corpos não brancos, mas a minha mãe não deixava que eu faltasse nas aulas; eu apanhava dela até chegar na escola racista, os alunos também eram racistas e ficavam fazendo piadas constantes sobre o meu cabelo, a minha cor de pele e a minha boca grande. Como eu tinha que apanhar até chegar na escola, aprendi a resolver tudo na violência: batia nos alunos que faziam “piadinhas” racistas e criminosas sobre mim. Estudei nessa escola no ano de 2007, a lei 10.639/2003¹, que foi criada em 2003, as escolas não respeitavam, sendo esta a que deveria proteger as crianças negras; me via desamparada pela instituição, porque o Estado, até os dias atuais, não é capaz de proteger crianças pretas.

Ao mudar para o sul do país percebi, com maior intensidade, a violência racial e a falta de direitos humanos em instituições que deveriam ser um espaço de acolhimento;

¹ BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. In: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

eu cresci com a certeza que esse sistema de sociedade era desigual para mim e para as pessoas parecidas comigo. A filósofa Djamila Ribeiro, no livro “Pequeno Manual Antirracista”, aponta:

[...] falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (2019, p. 9).

“Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola”², já dizia, por meio do Rap, os Racionais Mc’s. A arte que era consumida por mim, ainda criança, confirmava essa realidade cruel das periferias; acredito que meu intelecto foi construído pelas letras de rap, já que a escola se negava a nos ensinar sobre a verdadeira história do povo negro. Sempre fui apaixonada por artes, comecei a estudar teatro com 16 anos, me dedicava muito nas apresentações artísticas da escola, adorava desenhar fotos que estavam guardadas em casa, talvez eu seja uma multiartista; por eu ter muito interesse por várias manifestações da arte, decidi cursar Artes Visuais com a intenção de tornar-me professora. Ao ingressar na universidade, percebi que a minha pesquisa em Poéticas visuais denunciava a falta de direitos humanos e as violências impostas por esse sistema de sociedade pós escravidão.

Realmente, é muito difícil denominar quais e quantas experiências ruins se estabelecem, e se tornam rotineiras, por causa do racismo, quando se nasce preta; tenho a impressão que todas as violências que meu corpo sofreu, ou ainda sofre, foi porque ele é um corpo negro e feminino. No passado as violências sexuais que o meu corpo sofreu foram porque eu era uma criança preta, sendo que, durante a minha infância, eu sofri quatro abusos sexuais: o primeiro, com cinco anos, o meu tio abusou de mim; o segundo, com seis anos, outro tio abusou de mim; simultaneamente, com seis anos, o vizinho ia na casa da minha avó, colocava a mão por baixo do meu vestido e abusava de mim; com doze anos a minha mãe foi presa, eu e meus irmãos ficamos na casa da vizinha e o marido dela abusava de mim. Agora, com vinte e seis anos, o meu corpo teve consciência que 70% das minhas relações sexuais foram estabelecidas por meio de violências, justamente por ser mulher e preta.

² A música pode ser acessada na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xe8DN92jtbg>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Durante a escravidão, o tratamento de mulheres negras era diferenciado do tratamento dos homens negros. Além de realizar trabalhos agrícolas em pé de igualdade com os homens escravizados, onde sua condição de raça legitimava seu açoitamento e mutilações, a questão de gênero da mulher preta adicionou uma nova forma de exploração perante os seus patrões: a sexual. A condição de mulher negra permitia a violência e exploração sexual exercida por seus patrões, como uma forma de o homem mostrar seu domínio econômico e extra econômico como proprietário da mulher negra escravizada (Davis, 2016).

A sensação é de que se você nasce mulher e preta no Brasil, é um grande castigo. Na verdade, esse sistema escravocrata nos faz acreditar que já nascemos amaldiçoadas por ser preta, uma maldição hereditária instalada pelos colonizadores. Abdias do Nascimento (1978, p. 69) aponta que o branqueamento teve início marcado pelo estupro da mulher negra, pois “as escravas negras, vítimas fáceis, vulneráveis a qualquer agressão sexual de senhor branco, foram em sua maioria transformadas em prostitutas como meios de renda e impedidas de estabelecer qualquer estrutura familiar estável”.

A autora Sueli Carneiro (1995), uma intelectual contemporânea, coloca em relevância o lugar social da mulher negra. Carneiro faz denúncias através da escrita, expondo como as mulheres negras são desvalorizadas em todos os níveis de relações sociais. Esse estado de desumanização da mulher negra na contemporaneidade brasileira perpassa as relações entre homens e mulheres, fomentado, também, por homens negros, que reproduzem ações de opressão e violências diversas; a pesquisadora afirma que: "a luta das mulheres para terem autonomia sobre os seus próprios corpos, pelo exercício prazeroso da sexualidade, para poderem decidir sobre quando ter ou não filhos, resultou na conquista de novos direitos para toda a humanidade: os direitos sexuais e reprodutivos" (Carneiro, 1995, p. 547).

As mitologias de matriz africana nos mostra, de maneira linda e singela, que nascer mulher preta é carregar em si a força de orixás guerreiras e governantes de sua própria história. Oyá, um orixá que carrega uma beleza inexplicável - tendo a sabedoria de liderar batalhas, indo a frente de sua tropa, estimulada por justiça para estabelecer a paz, mais conhecida como Iansã -, começou a ser cultuada primeiramente entre os Iorubás. Gleason afirma que (1999, p. 13 *Apud* Passos, 2008, p. 26), “Oyá, segundo a origem geográfica sempre foi considerada ‘Tapa’ (Nupe), foi incluída no circuito

religioso de Oyo, ramo do Yoruba”³. A sua adoração passou a atingir toda a extensão das diversas etnias do mundo iorubano, se destacando em cidades como Oyo, Kossô, Irá, Ifê, Ketu, hoje regiões que compreendem a uma parte da Nigéria e do atual Benin. Iansã é o orixá dos grandes movimentos e das diversas formas; formas estas que representam seu controle sobre vários elementos da natureza. A sua essência é a liberdade inclinada à constante transformação e, apesar de ser essencialmente aérea e de dominar o tempo atmosférico, Iansã é a grande mulher que venceu a guerra, senhora nobre do seu destino, que no rol dos deuses é nomeada como a mãe real de toda mudança, dona da transformação. O trânsito ligeiro desta deusa entre os elementos naturais pode ser verificado em Passos (2004, p. 35):

Oiá-Iansã, em suas feições de arrebatamento, inconformismo, coragem, atrevimento, cavalga com seus mistérios por todos os elementos que comandam a natureza. Como carne humana é Oiá, como carne animal é um búfalo sobre a terra e entre as folhas, como mulher lotada de sensualidade, é um rio, é água; transformando-se em tempestade é vento e chuva, depois como fogo, é raio e relâmpago.⁴

Como uma espécie de Iansã, com todas as contingências humanas, hoje eu tomo as rédeas da minha história e produzo trabalhos que denunciam a necropolítica⁵ do Estado contra corpos não brancos. Infelizmente, o sistema social deste país foi construído para aniquilar corpos não brancos, sendo a polícia a aliada principal desse aparelho de controle: a instituição militar é preparada para oprimir a população, enquanto deveria proteger e cuidar.

Quando eu tinha nove anos a polícia matou meu tio na mesma casa onde estavam eu e meus irmãos, espancaram ele na nossa frente e depois o arrastaram para o quarto, em seguida dispararam tiros contra ele. Abordagens policiais eram muito comuns durante a minha adolescência; com dezesseis anos eu sofri violência policial quando estava voltando da igreja: três mulheres da polícia militar bateram em mim durante uma abordagem e disseram que quando eu fizesse dezoito anos eu iria ser presa.

Por muito tempo aguentei muitos tipos de violência estando silenciada; nós, mulheres pretas, quando pensamos, devemos falar, quando sentimos, também devemos

³ Quando um humano Iorubá morre, ele se torna um Egum, o que no candomblé seria aquilo que chamamos de espírito de morto. Os Egunguns representam os mortos ancestrais que são respeitosamente cultuados, tanto na África como em alguns lugares do Brasil.

⁴ Nos chamados cultos de Babá Egum, os egunguns não se incorporam em ninguém e sim, manifestam-se através da roupa ritual (axó), que são feitas especialmente para cada um deles.

⁵ O termo tem origem na obra do filósofo, teórico político, historiador e intelectual camaronês Achille Mbembeara; para ele necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, assunto que será abordado de forma mais espessa no decorrer desta pesquisa.

falar, pois o nosso silêncio pode acobertar as atrocidades estruturais que nossos corpos enfrentam todos os dias. Fale. A nossa voz denuncia as torturas desse sistema moedor que, infelizmente, tem o poder e a capacidade de definir quem pode viver e quem deve morrer. Isso é o que Foucault (1999) chama de “biopoder”: domínio da vida sobre o qual o poder estabelece o controle. Como exemplo, podemos citar a guerra às drogas, que tem se mostrado, em grande medida, como um caminho para alcançar a soberania, sendo uma forma de exercer o direito de matar.

Sempre tive dificuldades de ser ouvida, porque antes de eu começar a falar, o meu corpo é silenciado: tendo o corpo de uma mulher preta e periférica, que não tem comportamentos vistos como civilizados para uma sociedade colonizada, a minha vivência torna-se um desrespeito em ambientes que seguem outros modos de comportamento - exigir respeito é um desrespeito para quem não consegue humanizar meu corpo preto. Teve duas situações, quando estudava Teatro⁶, que manifestei minha opinião sobre a peça que estava sendo montada na coletividade, e os alunos acharam que eu estava sendo desrespeitosa, por não concordar com as decisões dos professores; perguntei aos docentes se eles se sentiram desrespeitados, eles responderam que não, mas a turma inteira passou a me enxergar como uma pessoa raivosa e desrespeitosa, na verdade, já me enxergavam assim: pretinha, favelada que fala gritando – isto, entre tantas outras coisas, é ser uma mulher preta neste sistema social.

Uma amiga, uma vez me disse que quando começou a ir à faculdade passou a falar de um jeito mais intelectual, acadêmico; quando voltava para casa da mãe, no interior, falava de uma forma que ela não conseguia entender; a mãe olhava para ela e dizia: “Fala que nem gente, menina!”. A universidade, muitas vezes, nos embranquece e nos adoece, porque viver sem comunicação com as origens do seu povo foi o que os colonizadores brancos fizeram para destruir a nossa história; o sistema intelectual brasileiro foi estruturado, fundamentado e construído a partir de fundamentos racistas, desumanizando corpos pretos. Agora que estamos ocupando espaços na ciência, eles querem que nós nos comuniquemos com a cordialidade branca, mas não queremos ser cordiais.

Durante o processo de colonização, foram instauradas diversas instituições colonialistas, a saber: Estado, Igreja e Universidades, as quais auxiliaram tanto no processo de conquista e retenção do território colonizado, quanto no estabelecimento da hegemonia cultural europeia e ocidental, delegando às culturas africanas e indígenas o

⁶ Estudei teatro, via bolsa de estudos, na Funcart – Fundação Cultura Artística de Londrina, durante o ano de 2023.

grau de folclore ou primitivismo, o que ocorreu com forte resistência das etnias subjugadas (Ramos, 2021). Avanço dizendo que nossas relações também foram colonizadas e a forma como nos relacionamos é a partir de um pensamento colonizador. Nas minhas relações, eu sempre entendi que nada se constrói sozinho, a única coisa que conseguimos fazer sozinhos é morrer, então, todo conhecimento é produzido coletivamente, não importa quem falou primeiro, tudo que pensamos alguém já pensou antes de nós, acredito que somos a continuação de uma luta de alguns séculos atrás, que parece ser impossível de vencer.

O preto vivendo conectado com as suas origens é um ato desrespeitoso para a branquitude, o meu jeito preto de ser incomoda muita gente. O Funk, o Samba e o Rap sempre tiveram inimigos, porque os brancos não estão habituados aos nossos comportamentos, inclusive, a ouvir sobre as violências que o corpo preto vive. Vamos defender os direitos humanos nos comunicando com quem devemos nos comunicar, pois quem precisa saber o que é Direitos humanos estão tendo seus direitos violentados por esse sistema com raiz colonial que nos desumaniza todos os dias.

2. RACISMO ESTRUTURAL

Quem estruturou isso aqui? O fundamentalismo cristão matou, explorou, estuprou e escravizou pessoas em nome de um Jesus Branco de olhos azuis. Atualmente, a religião mais praticada no Brasil é o cristianismo; a população brasileira é majoritariamente cristã (87%), sendo sua maior parte católico-romana (64,4%). Como uma péssima herança da colonização portuguesa, o catolicismo foi a religião oficial do Estado até a Constituição Republicana de 1891⁷. O Sul do país sustenta a segunda posição do ranking das regiões brasileiras com maior proporção de católicos (70%), de acordo com o Censo 2010. Destaque-se ainda que enquanto o Sudeste possui uma proporção de católicos inferior à média nacional, a região Sul supera essa média.

Se uma das principais práticas do cristianismo, segundo a bíblia, é amar o próximo como a si mesmo, por que alguns cristãos no Brasil não amam as pessoas negras? Se o Brasil é um país racista e majoritariamente cristão, já dá para imaginar o resultado dessa conta, os cristãos também são responsáveis pelo racismo estrutural do nosso país. Passei a minha vida frequentando igrejas evangélicas, mas depois de vivenciar um trauma relacionado à minha cor, nunca mais consegui voltar a praticar a minha fé em instituições cristãs.

Em 2018, um membro da igreja que eu frequentava olhou para mim e disse que iria me comprar como escrava; fiquei em casa por três dias tendo crises severas de ansiedade, eu comuniquei à equipe pastoral da igreja e, no final das contas, todos eram racistas como o membro: ironicamente, o rebanho reflete a imagem do seu pastor. A igreja escolheu ser cúmplice do crime cometido por injúria racial e ainda dizia que ele poderia me chamar de neguinha porque era meu pastor, que eu era uma negra boa porque eu tinha a alma branca, que eu não deveria me sentir ferida/ofendida com o racismo porque eu não era tão negra assim.

Mas esse não foi o único crime que eles nunca fizeram nada. Quando eu comecei a frequentar essa mesma igreja, um homem que era responsável pelos adolescentes me encontrou na rua e pediu meu número de telefone com a intenção de flertar com uma menor de idade; eu disse que era da mesma igreja, ele se assustou, afastou-se e saiu. Na época eu tinha dezesseis anos, comuniquei o fato aos pastores e eles não chamaram a

⁷ AZEVEDO, Reinaldo. *O IBGE e a religião* — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. 2020. In: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2>. Acesso em: 10 jan. 2025.

polícia, sendo que o mesmo, durante o culto, dizia que em caso de violência contra mulher deveríamos chamar a polícia. “E eu não sou uma mulher?”. A Sojourner Truth, ativista estadunidense, disse durante um discurso:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendidos para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?” (*Apud* Ribeiro, 2018, p. 51).

Eu já deveria ter me acostumado ao fato de que a maioria das coisas que sai da boca de homens não condiz com a suas próprias práticas: o seu discurso não acompanha sua postura, irmão. É o que o fundamentalismo cristão sempre fez, pregam sobre a bíblia, mas não consegue praticar o que está nela.

Na última vez em que eu fui tentar voltar a frequentar a igreja, o pastor que estava no púlpito praticou racismo religioso dizendo: “se Macumba fosse boa se chamaria Boacumba e não Má-cumba”. Eu saí da igreja porque as ideias de Jesus não eram praticadas lá, depois foi muito difícil encontrar uma igreja que Jesus estivesse. Sempre soube que nessa luta pela igualdade social a única pessoa que não me deixaria só seria Jesus negro: “Tudo que quando era preto era do demônio e depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues. É isso, entenda Jesus é blues”, diz o rapper, cantor e compositor Baco Exú do Blues⁸.

No começo de 2018, antes de eu viver toda essa dor do racismo e machismo, um profeta e amigo chamado Aaron Martindale, me disse, pessoalmente, que Deus estava me dando dois presentes, uma espada e um cajado; a espada era para eu lutar e o cajado para liderar, e que não era para eu ter medo e me sentir sozinha porque Jesus seria meu companheiro nessa luta, que ele não me deixaria só, que seria meu melhor amigo. Aaron também falou que eu passaria por um momento muito difícil; os momentos difíceis que eu tive que enfrentar foi a humilhação de ser tratada como coisa/objeto por pessoas que

⁸ A canção, na íntegra, pode ser acessada no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em: 20 jan. 2025.

diziam amar Jesus. Os conhecimentos e entendimentos, em minha trajetória, são advindos de muitos e múltiplos lugares.

Eu nunca me senti verdadeiramente abraçada e acolhida em uma igreja, a sensação é sempre de aprisionamento e apagamento da minha história como mulher preta, acredito que isso ocorra com a maioria das pessoas pretas. Quando o meu irmão, com quinze anos, começou a ouvir Rap, o pastor orou colocando a mão sobre a cabeça dele dizendo: “sai, em nome de Jesus, todas as músicas de Rap da sua cabeça”. Para ser cristão no Brasil, você tem que deixar de ser negro e passar a odiar a sua própria história e o seu povo. Nossos ancestrais lutaram por justiça até a pós-morte; na igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, oraram para que as armas de fogo não alcançassem corpos pretos, para que as balas não atravessassem corpos pretos, para que cordas e correntes arrebatassem antes de prender os pretos. Oramos pela paz, enquanto eles, já citados aqui, proclamam palavras de ódio que estimulam a guerra, a miséria, a operação e a pobreza. Em nome do Jesus Branco os colonizadores invadiram o Brasil e acusam os povos originários desse país de invasores, os mesmos que roubaram a África e acusam os pretos de serem ladrões. Queremos de volta o que nos foi tirado, todos os reinados, todas as artes. Lutamos por justiça social, não temos escolha: ou lutamos pela paz ou perdemos a vida.

Depois do massacre ergueram catedrais/ Uma capela em cada povoado/
Como se a questão fosse guerra ou paz/ Mas sempre foi guerra ou ser devorado/
Devoto catequizado/ Crucificar em nome do crucificado/ Seu Deus é o tal metal, é o capital/
É terra banhada a sangue escravizado/ Jesus nunca estaria do seu lado/
Não estaria do seu lado/ Jesus não estaria do seu lado/
Faria mais sentido estar comigo/ Jesus não estaria do seu lado/
Faria e faz comigo a justiça (Don L, 2021).⁹

Os contos que compõem as mitologias cristãs se aproximam muito dos contos da mitologia africana, principalmente como o ser humano foi criado, que nosso corpo veio do barro; para vários povos africanos a criação está relacionada com a natureza.

Segundo os povos iorubás, por exemplo, Orum (o céu) e tudo o que nele existe é obra do deus Olorum. Foi Obatalá (ou Oxalá), um dos filhos de Olorum, quem criou a terra firme. Para que esse novo lugar tivesse vida, Olorum deu a ele uma palmeira de dendê para ser plantada e dar origem às florestas. Coube a Obatalá a criação dos primeiros humanos, moldando-os a partir do barro. Para que as plantas e os humanos prosperassem, Olorum criou o sol e a chuva (PIMENTEL, 2023, s/p).

⁹ Trecho da canção “Vila Rica”, do rapper e compositor brasileiro Don L. A canção na íntegra pode ser acessada por meio do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY&t=2s>. Acesso: 20 jan. 2025.

É lindo perceber que para as religiões africanas o conhecimento e a criação se estabelecem a partir da coletividade, já nas igrejas brasileiras há a ideia de individualismo para se criar e aprender, onde um fala e o outro obedece. Para as religiões de matriz africana o fazer, o aprender e o existir são processos coletivos, ao contrário das igrejas evangélicas, que acreditam que durante o culto apenas um fala, e aí daquele que discordar do pastor - estes usam do poder para continuar disfarçando o preconceito e o ódio por corpos marginalizados.

Vou contar um segredo que está lá da bíblia: eu sou a imagem e semelhança de Deus; mas para a comunidade cristã é difícil enxergar uma mulher preta como Deus. Já nas religiões de matriz africana, as mulheres são grandiosas, carregam em si a sabedoria, vão para guerra e lutam por justiça.

Lélia Gonzalez afirma que a maioria das crianças negras, nas escolas de primeiro grau, são vistas como indisciplinadas, dispersivas, desajustadas ou pouco inteligentes, podendo alcançar um estado de não reconhecimento da sua negritude (2020). Quando eu vim morar no sul do país, fui lembrada da forma mais horrível que sou preta, eu tinha apenas seis anos quando uma professora me beliscou porque eu não estava conseguindo entender a tarefa de matemática, o meu braço ficou roxo, a direção não fez nada com a professora racista, ela tinha costume de oprimir crianças pretas. Ela ainda trabalha na mesma escola, fiz estágio no mesmo lugar que eu estudei quando criança e ela continua oprimindo outras crianças pretas. Lembra qual a lei que defende crianças pretas de sofrer racismo nas escolas? A lei 10.639/2003. Se esta lei fosse aplicada severamente, como outras leis no Brasil, eu não teria passado por essa situação sem a defesa do Estado, mas eu nunca vi o Estado defender uma mulher preta, imagina defender uma criança preta.

Quando o meu irmão tinha doze anos, a polícia parou ele achando que era traficante, mas ele só queria comprar uma coxinha, estava com a minha tia, ela ficou esperando do outro lado da rua e ele foi comprar; ao sair do estabelecimento deixou o troco cair, dois homens que estava em situação de rua pegaram o dinheiro e devolveram para ele, os policiais estavam passando e achou que uma criança de doze anos estava vendendo drogas. Somos acusados sem ser, depois nós nos tornamos aquilo que eles nos acusam de ser.

O audiovisual brasileiro, em grande medida, corrompeu a imagem de pessoas negras, essa foi a estratégia que eles encontraram para destruir nossa autoestima e sonhos; a TV, na maioria das vezes, retrata negros na miséria, sendo mortos, sendo presos, sendo oprimidos, isso está no inconsciente de toda a população, seja você preto, seja você

branco. Durante uma aula¹⁰, a professora Elke Coelho disse: “a publicidade estupra a nossa concepção de humanidade”. Quem produz cultura e arte precisa ter total responsabilidade com a verdade, saber contar a história sem silenciar ninguém.

¹⁰ Disciplina “História e Teorias da Arte Contemporânea Brasileira”, ministrada no segundo semestre letivo de 2024, no curso de Artes Visuais – Universidade Estadual de Londrina, Paraná.

2.1 TROCANDO IDEIAS COM DJAMILA RIBEIRO

Dentro do ônibus, voltando para casa, um percurso que leva, no mínimo, três horas de viagem, levo comigo o conhecimento de Djamila Ribeiro (2019). Ela me contou, logo no primeiro encontro, que

Devemos aprender com o feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não que não devemos ter medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista” (Ribeiro, 2019, p. 21).

Dissertar sobre esse tema me traz um sentimento de que nada vai melhorar, que se passam anos e anos e ainda temos que conscientizar as pessoas sobre o mínimo, que é respeitar a existência do outro, seja ele branco, preto, amarelo. Todos têm o direito de ser respeitados. A troca de ideias com Djamila trouxe a mim respostas do porque o negro é o corpo que mais sobrevive em presídios, ruas e moradias em situação de maior risco à saúde.

Porque existiu uma Lei de Terras em 1850, ano em que o tráfico negreiro passou a ser proibido no Brasil — embora a escravidão tenha persistido até 1888. Essa lei extinguiu a apropriação de terras com base na ocupação e dava ao Estado o direito de distribuí-las somente mediante a compra. Dessa maneira, ex-escravizados tinham enormes restrições, pois só quem dispunha de grandes quantias monetárias poderia se tornar proprietário. Djamila me disse que o sistema escravocrata ainda impacta a forma como a sociedade se organiza, por isso o genocídio da população negra ainda nos assombra. Numa sociedade violenta como a nossa, é natural sentirmos medo. Em especial dessa violência generalizada que o Estado promove — é por isso que devemos denunciar a violência policial.

Pensando nas colocações de Djamila, afirmamos sem nenhuma dúvida o porquê o sistema de meritocracia nunca funcionou como uma forma de reintegração dos corpos oprimidos durante a colonização. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega o direito à vida, e não um simples ato da vontade do indivíduo de conseguir conquistar a melhor educação. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Ela fala que a branquitude também é um traço indetentário, porém, marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos.

Ter consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o perverso

sistema racial que estrutura a sociedade brasileira. Os homens brancos são maioria nos espaços de poder. Esse não é um lugar natural, foi construído a partir de processos de escravização. A herança escravocrata deixou riquezas para os netos de escravocratas, e o que sobrou para os negros foi a miséria e o abandono do Estado - não dá para existir uma cultura do mérito para aquele que não experimentou nem o mérito de viver, apenas de sobreviver estando sempre em modo de alerta.

Infelizmente, no Brasil, o sistema educacional, social e trabalhista foi construído a partir da perspectiva do colonizador, é recente o debate do pensamento decolonial, a sensação é que se o racismo acabar no Brasil, esse país entra em demolição, a estrutura desse país é uma terrível exploração das nossas terras. A herança escravista fez com que o mundo do trabalho fosse particularmente racista.

A autora nos alerta sobre como o apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribuiu significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas. Apenas fazendo esse movimento de estudar pensadores negros conseguiremos combater o racismo.

2.2 O RACISMO E O SISTEMA CARCERÁRIO

Entendo como necropolítica o fato do Brasil ter tido no ano de 2019 como presidente um homem que tinha como bordão eleitoral a seguinte frase: “bandido bom é bandido morto”¹¹. Certa vez meu pai contou-me uma história que ocorreu com a minha família paterna, quando eles se mudaram para Sarandi (PR); como esta é uma cidade pequena, tenho a impressão que nestes lugares é mais fácil manter a corrupção, mesmo que a maioria dos moradores saibam de tudo que acontece na cidade. Este tipo de coisa ocorre porque, muitas vezes, o juiz é amigo do policial, o policial amigo do delegado e o delegado amigo do juiz, por camaradagem ninguém age com justiça - como dizia Bertolt Brecht: “Alguns juízes são absolutamente incorruptíveis. Ninguém consegue induzi-los a fazer justiça”¹².

Partirei de uma narrativa nada mais ou menos ficcional para exemplificar e pensar, por meio da experiência, na questão posta há pouco; também, utilizarei nomes fictícios para preservar a segurança de algumas pessoas envolvidas na história. Meu pai me contou que quando ele se mudou Sarandi as minhas tias eram menores de idade e uma delas foi a uma festa na cidade; Bene, a mais nova, durante essa festa, foi drogada por um homem chamado João, que colocou alguma substância em sua bebida e, depois, a estuprou. Minha tia voltou para casa chorando e contou o ocorrido para os pais e irmãos. No outro dia meu pai e outro tio encontraram o João no bar contando o ocorrido para todos os homens que lá estavam, com saciedade e sentimento de satisfação.

Meu pai e meu tio, indignados, partiram para cima dele na porrada, a polícia chegou e prendeu as três pessoas que estavam envolvidas na briga, meu pai, meu tio e o estuprador. Contaram o ocorrido da minha tia para o delegado e ele mesmo assim soltou o João, que tinha uma bicicleta, que deixou para o delegado Jacu, como fiança, em troca da sua liberdade. Meu pai e meu tio ficaram presos; meus avós foram até a delegacia

¹¹ Refiro-me a Jair Bolsonaro, representante da extrema direita que governou o Brasil entre os anos de 2019 a 2022. Entre muitas as atrocidades cometidas por este governo, cito o negacionismo em relação à pandemia de Covid-19 e a demora na distribuição de vacinas, o que acarretou a morte desnecessária de milhares de pessoas.

¹² Conheci o escritor Bertolt Brecht no curso de teatro, lendo a peça “A vida de Galileu” (1944). No entanto, a frase citada chegou até mim durante uma viagem a trabalho para a cidade de Curitiba (PR); na ocasião, um amigo convidou-me para conhecer o Núcleo Periférico, que é um projeto social que acolhe pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade, pessoas em situação de rua e do sistema prisional, mais especificamente. Um funcionário que estava com um pote cheio de pinos, que é usado para venda de cocaína, mas ao invés de ter drogas tinha papeis com frases, falou para eu pegar um. Peguei esta frase, que com uma frieza certa, respondeu a uma série de perguntas que eu tinha sobre como funciona o sistema judiciário brasileiro.

tentar tirar seus filhos da cadeia, passaram a noite dormindo na frente da delegacia dentro da carroça, chegaram a oferecer a carroça como fiança e o delegado Jacu não aceitou, então a minha vó falou que tinha uma TV em casa e o delegado pediu para ela ir buscar o aparelho eletrônico. Minha avó chegou em casa e colocou a televisão nas costas, levou até a delegacia, chegando lá depois de uma longa caminhada a pé. O Jacu, cruelmente, falou que não aceitaria a TV como fiança e que os filhos dela permaneceriam presos; vale ressaltar que meu pai e meu tio são negros de pele clara, João tinha a cor da pele branca. “Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto (Jesus, 2017, p. 55)”.

Isso certamente é uma forma de se utilizar do poder para oprimir, humilhar e garantir que quem vive à margem permaneça na margem. Acredito que meu pai e meu tio ficaram se sentindo muito injustiçados, imagina para minha tia que teve o corpo violentado e a justiça não a defendeu. Mas, sendo terrivelmente sincera, que dia a justiça brasileira defendeu uma mulher negra e pobre? Todo controle em massa de corpos é o que Achille Mbembe (2018) chama de necropolítica.

Em “*Necropolítica*” (2018), a discussão sobre o biopoder e a relação de inimizade de parte do estado para o com o povo, nos apresenta uma política em prol do trabalho da morte, tratando o poder de soberania; o autor nos mostra como as instâncias de poder expressam da forma mais brutal o direito de matar e oprimir. Mbembe (2018) relaciona o que Foucault nomeia como biopoder com dois outros conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault, segundo o autor, rotula com o termo, aparentemente familiar, “racismo”.

No dia 24 de janeiro de 2025 ocorreu uma operação policial na zona norte do Rio de Janeiro, nos Complexo do Alemão e no Morro da Penha. Essa operação deixou seis mortos e oito pessoas feridas. Uma das pessoas mortas foi um policial militar, Diogo Marinho Rodrigues Jordão, do Batalhão de Choque, baleado na cabeça, outro foi o jardineiro Carlos André Vasconcellos dos Santos, morreu após ser atingido por uma bala perdida, ele tinha 35 anos e estava tomando café quando foi ferido, um garoto menor de idade, de 16 anos que, segundo a polícia, é envolvido com o tráfico, também foi baleado e morto; um idoso de 67 anos, identificado como Geraldo Carlos Barbosa dos Reis,

Antonio Julio Claudio, de 53 anos, e um homem de 21 anos, identificado como Ryan Muniz de Oliveira¹³, também foram mortos. Sobre isso, é provável que Mbembe (2018) diria que se ‘raça’ (ou na verdade, o racismo) tem um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder, é inteiramente justificável, uma vez que há uma luta entre classes que faz as políticas sociais perderem as forças e a política de morte e soberania ser estabelecida.

Antes os colonizadores traficavam o nosso povo, hoje os netos dos colonizadores, que atualmente são governadores e juízes, usam do crime organizado, que esses mesmos organizam, para matar o nosso povo de periferia.

¹³ Mais informações em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/01/24/forcas-de-seguranca-na-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em: 8 fev. 2025.

3. ESCRREVIVÊNCIA

A escrevivência, que tanto faço uso nesta pesquisa, não é apenas escrever sobre a própria vida. A escritora Conceição Evaristo formalizou este termo em 1995, mas ele é bem mais antigo. É uma mistura de escrita com vivência. Escrever é uma prática artística. Na minha concepção, viver também é uma prática artística. O viver nos faz criar e a partir da criação passamos a existir. Mas o ponto central do conceito de “Escrevivência” diz: a escrita de nós, é nos levar a entender que é impossível essa escrevivência ser uma experiência individual, essa escrita nasce de uma experiência coletiva.

Quando escrevo, estou escrevendo pela minha mãe, tias e avós. Quando eu escrevo sobre mim, as demais mulheres negras acabam se sentindo acolhidas, porque nossas histórias possuem semelhanças. Em certa ocasião, estava em uma mesa com quatro mulheres negras e todas tinham uma história de violência sexual para contar, é assustador pensar que a forma como a sociedade é estruturada acaba por violentar os direitos de corpos específicos. Quando escrevo não relato somente a minha história, mas a história de um povo. O Paulo Freire afirma que existir humanamente é modificar o mundo:

A existência, porque humana, não pode ser mudada, silenciada, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciadores, a exigir deles novos pronunciamentos (Freire, 1987, p. 44).

Para Evaristo, a escrita vem de uma interrogação, de um profundo incômodo com o estado das coisas que nos rodeiam:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30).

Conceição Evaristo traz vivências muito importantes, recuperando da memória a mãe desenhando um sol com um graveto na terra úmida, o que ela chama de grafiadesenho. Era um ritual que sua mãe fazia para chamar o sol, para conseguir lavar

roupa como se fosse um instinto de sobrevivência. Conectando tudo, a necessidade, o corpo e a urgência de falar. Essa conexão com o que foi vivido e ouvido. Afirmando que a gênese de nossa escrita está no acúmulo de tudo que vivi e ouvi desde a infância.

A Escrivência poderia se aproximar da afirmativa de Clarice [Lispector] de que a aprendizagem da escrita está no mundo; entretanto guardando distâncias, muitas talvez. “Escrever é dominar o mundo”, assevera Clarice. A mexicana Frida Kahlo diz que é como se ela pintasse a si própria, a realidade. Também com a Frida, uma aproximação cautelosa poderia ser tentada para emparelhar Escrivência com “o pintar a si próprio, a realidade”. Entretanto, creio que a similitude entre Escrivência e a autorreflexão de uma e de outra tende mais a se distanciar do que a se cruzar. E o distanciamento vai se delineando na medida em que se lê o lugar subjetivo em que essas autorreflexões nascem, a linguagem que é usada para a explicitação do pensamento e com quais outros caminhos as reflexões produzidas por elas se imbricam (Evaristo, 2020, p. 34).

Assuntar a vida e contar as histórias, isso alimenta a escrita de Evaristo, a autora continua fazendo a sua análise e afirma que:

Clarice [Lispector] afirma que “a aprendizagem da escrita está no mundo”. Concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida”. Pois, foi na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia e traz o concreto, a vida com as suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e a fogo”. “Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (Evaristo, 2020, p. 34).

É fascinante, como a escrita de Evaristo pode ser tão individual, mas torna-se universal quando os leitores se identificam com a história, pois mais da metade desse país é ocupado por pessoas negras e nossos ancestrais chegaram aqui na mesma condição - e avançamos o movimento coletivo, como a escrivência nos propõe com a escrita. Nossa dor nos conecta, mas a cura também acontece a partir dessa conexão. Nessa forma de escrita, a especificidade não se fecha apenas em uma vida, mas se expande sobre outras, potencializando a identificação humana, promovendo um impacto que vai além do autor.

A escrevivência desafia a academia, contrapondo a ideia de objetividade científica, propondo que a experiência pessoal de quem analisa, a caminhada da vida de cada pessoa também é ferramenta válida para o fazer artístico. Se conectarmos tudo isso com uma história mais antiga, a Escrevivência se assemelha muito com a tradução da escrita AfroDiaspórica¹⁴, pensar a sociedade a partir da experiência dos quilombos¹⁵.

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Esta escrita é um contra-ataque ao silenciamento dos nossos povos, tendo uma brutalidade poética. Não é para enfeitar a dor, para branco olhar e dizer, “nossa, que lindo”, mas para humanizar tocando nas nossas existências. É uma prática de escrita que eclode da vida coletiva, negra e feminina, que transforma dor e memória em arte, mas também é uma intervenção política. Não é apenas contar a minha história, é afirmar que a minha existência na sociedade vai além da literatura - uma outra forma de produzir conhecimento e de resistir.

Para Conceição Evaristo, o escrever não é só perceber o mundo, mas permitir a auto inscrição no interior do mundo, isso quer dizer, se inscrever no mundo, se colocar na história. Por isso, a escritora afirmou: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2018-2020, p. 30). Pois o pesadelo deles é nos assistir vivendo. Sou um corpo preto feminino afirmando a minha existência em um mundo racista.

¹⁴ O termo “culturas afro diaspóricas” é compreendido como código e símbolo cultural que se expandiu no mundo por meio da diáspora, ou seja, através da migração forçada dos povos africanos. Com as narrativas de sobrevivência, desde a escravidão, como a capoeira, o batuque do samba, as letras cantadas, os quilombos e periferias.

¹⁵ Um conjunto de pessoas negras vivendo coletivamente. Durante a escravidão os quilombos serviam como abrigos para os seres humanos que conseguiam escapar das torturas da escravidão, tanto indígenas e negros se protegiam da perseguição ficando juntos. As periferias se assemelham o que nós entendemos sobre aquilombamento.

4. TODO ARTISTA É UM PROFESSOR

Quero ser artista e nunca deixar de ser professora. Quando tive a oportunidade de estar em sala de aula, durante os estágios do curso, tive a certeza que não queria enfrentar o sistema educacional, pois a forma com que o Estado lida com a educação pública é um desrespeito com os educadores e estudantes. Mas sempre que eu encontro alunos que tiveram aulas comigo, eles apontam o dedo dizendo: “olha, minha professora de Arte. Oi, professora!”; um aluno que sempre me cumprimenta quando me vê, a última vez que nos vimos, ele disse: “nossa professora, sinto muita falta das suas aulas de artes” - isso porque, quem ensinava Artes para os alunos daquela escola era uma pessoa formada em pedagogia, sem nenhuma formação específica em arte.

O artista, pensador e rapper Mano Brown, em 2023, foi reconhecido como Doutor. No dia 2 de novembro, Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)¹⁶. Um homem negro e periférico, que não teve nenhuma formação acadêmica, obteve esse reconhecimento, tão nobre, que levaria pelo menos dez anos para ser conseguido pelas vias institucionais; mas, pensando bem, o seu trabalho está nas ruas há bem mais que uma década, gerando formações e transformações.

Acredito que a grande função do artista é influenciar as pessoas para uma revolução libertadora, foi o que o Rap nacional fez comigo. Ouvindo o podcast “Mano a Mano”, onde o Mano Brown entrevista Sueli Carneiro¹⁷, o rapper diz que participava de reuniões onde aprendia sobre questões raciais e sociais: os movimentos negros se organizavam para espalhar o conhecimento produzido coletivamente durante encontros organizados pelo povo. Sendo assim, o Rap, junto com intelectuais universitários, auxiliou na organização da luta contra a opressão de um Estado pós colonização, tendo como responsabilidade combater o crime organizado pelo Estado, como uma forma de resposta contra a opressão.

O deputado Renato Freitas, mestre em Direito pela UFPR (Universidade Federal do Paraná) afirma em seus estudos que o Rap é a fórmula que protege e organiza o povo

¹⁶ <https://ufsb.edu.br/ultimas-noticias/4344-mano-brown-e-o-novo-doutor-honoris-causa-pela-ufsb>. Acesso em: 25 jan. 2025.

¹⁷ https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr?si=IAULVnfTRmmv1YOvu_JdCQ. Acesso em: 25 jan. 2025.

de periferia, denunciando as injustiças sociais vividas por corpos marginalizados. Como advertiu Freitas:

Há, como se depreende do exposto, evidente caráter racial na conformação do campo e do *habitus* que dele se faz necessário e adequado. Por isso a importância e centralidade do rap para explicar essa realidade, já que este se apresentou, como assinalamos acima, na década de 1990 e 2000, como manifestação cultural negra predominante entre a população periférica do país, sobretudo em relação aos jovens (Freitas, 2017, p. 45).

Podemos afirmar que a arte de periferia é a nossa “fórmula mágica da paz”; o samba também foi uma forma de resistência que nos guiou para uma revolução libertadora. Você deve estar se perguntando como esse povo marginalizado e oprimido conseguiu criar coisas grandiosas como o funk, samba e rap. Na música “Fórmula mágica da paz”, Mano Brown faz um chamado às comunidades periféricas: “Não se acostume com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida, morô mano! Procure a sua paz”¹⁸. Não devemos nos acostumar com a opressão instalada pelo sistema capitalista, devemos lutar por uma educação de qualidade. O pesquisador Francisco Weffort, diz, a partir das ideias postas por Paulo Freire:

Educação como prática da liberdade. Trata-se, como veremos, menos de um axioma pedagógico que de um desafio da história presente. Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério — isto é, quando as toma por sua significação real — se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação (Freire, 1967, p. 6).

E como podemos potencializar uma educação libertadora? Quais recursos usaremos para tornar o conhecimento democrático? Entendo a arte contemporânea enquanto uma estratégia para a expansão de narrativas e ações anticoloniais e antirracistas. Neste sentido, o “Projeto L.I.C.” (Liberdade, Igualdade e Conhecimento), idealizado por mim, com o auxílio dos meus amigos espirituais e carnavais¹⁹, tem como intenção se comunicar com jovens e adolescentes por meio da arte contemporânea, tomando como matéria-prima as produções artísticas, visuais e sonoplásticas brasileiras, com foco na produção periférica.

O Projeto L.I.C. foi fundado em 2023, na cidade de Apucarana (PR), e busca trabalhar coletivamente com os sujeitos que, de modo sistemático, são empurrados à

¹⁸ <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/formula-magica-da-paz.html>. Acesso em: 8 fev. 2025.

¹⁹ Alana Gentil Carani, Maria Spadini Siqueira, Guilherme Ramos Schuindt, Valdineia Gomes da Silva, João Pedro Cunha Silva, Anire Niara e Luiz Gustavo Alvize.

margem e destituídos de seus direitos. No Brasil, a legitimação da brutalidade policial é afirmada diariamente através da mídia, seja no cinema ou jornal; o que é imposto em nosso imaginário fica difícil de debater e contrapor, considerando a nossa sociedade, que exerce um sistema de controle social, colonial e racista. Há um imaginário fortalecido pela desumanização dos corpos periféricos a partir da violência institucionalizada do Estado, que se infiltra nos discursos cotidianos e nas autopercepções de quem não compartilha do pacto da branquitude, sendo que, quem compactua com esse pacto se mantém calado diante de tanta crueldade a fim de manter seus privilégios. É o que Cida Bento afirma quando diz que “pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, [que] visa a manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18).

Entendemos a arte contemporânea como espaço para a horizontalidade, relativização e contestação das múltiplas narrativas socioculturais. As oficinas do projeto, aplicadas no C.A.S.A. (Centro de Apoio Social ao Adolescente), instituição de acolhimento para jovens em medida socioeducativa, têm como propósito fazer os jovens envolvidos pensar enquanto sujeitos históricos, autônomos, portadores de discursos reflexivos, críticos, disruptivos e experimentais. O fazer em arte, por suas especificidades metodológicas, como as possíveis articulações propostas pela *Artografia*²⁰, nos abre a possibilidade de colocar em perspectiva nossas próprias vivências, entendendo-as como mobilizações investigativas no campo cultural, social e histórico. Nas oficinas, essa percepção foi concretizada por propostas como a “Cartilha Desviante”²¹, ação que, em diálogo com as características relacionais da arte, dispõe do uso das possibilidades de associação infindáveis entre os objetos artísticos e os discursos que podem ser gerados a partir deles.

²⁰ É uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte, tornando-se uma reflexão sobre a aproximação entre a vida, o fazer artístico, a pesquisa e a prática docente em arte. É produção cultural. Quando produzimos cultura pesquisamos, aproximamos vida da arte e ensinamos.

²¹ “A cartilha desviante é uma medição de distância, um exercício que gera um empenho para que, debruçados sobre os assuntos, objetos e conceitos, constituamos um caminho até o que nos parece desconhecido, e, num processo criativo, experimentemos algumas aproximações. Interessa que as singularidades sejam manifestas na proposição da *cartilha desviante*. Que os conceitos disponibilizados, como peças de um quebra cabeças de resultado ignorado, permita a criação de trajetos e reconhecimentos novos. O que se pretende com a *cartilha desviante* é colocar recursos num diálogo para que as pessoas possam articular pensamentos e ideias a partir do que houver ou se tornar disponível. O material será rearticulado de diferentes formas por cada um que participar. A ideia é que, ao manipular o material, trazendo para si a decisão de como articular os conteúdos, protagonizando o processo de constituição dos significados, os participantes os tomem como seus. Pensada a partir da necessidade de se promover a autonomia das percepções” – Conceitos elaborados e postos pela equipe da Dap (Divisão de Artes Plásticas da Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina), que foram assimilados por mim durante estágio que realizei nesta instituição durante o ano de 2024.



Fig. 01 - Oficina de pipa. Foto por Luiz Alvize



Fig. 02 - Oficina de pipa. Foto por Luiz Alvize



Fig. 03 - Oficina de pipa. Foto por Luiz Alvize



Fig. 04 - Foto por Luiz Alvize



Fig. 05 - Oficina de Zine. Foto por Luiz Alvize

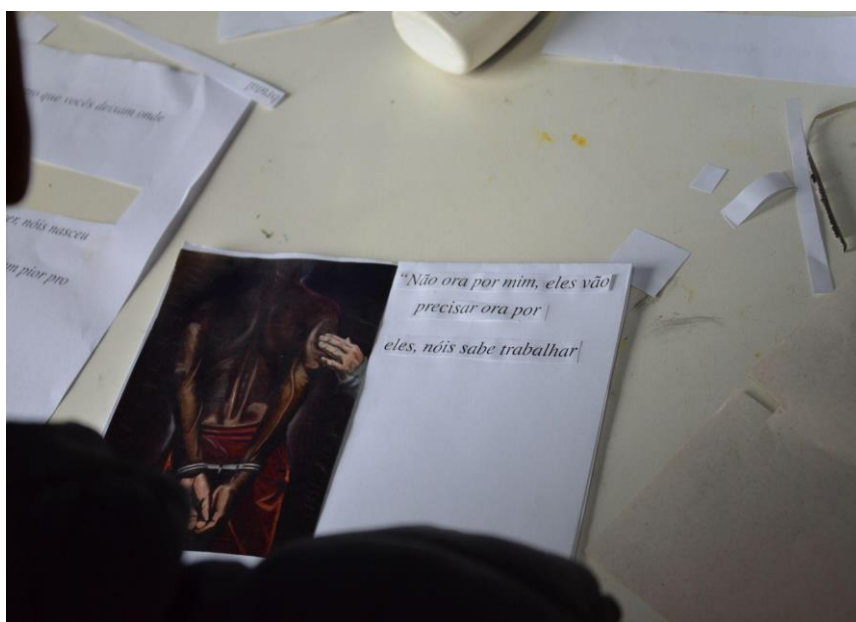


Fig. 06 - Oficina de Zine. Foto por Luiz Alvize



Fig. 07 - Oficina de Zine. Foto por Luiz Alvize



Fig. 08 - Foto por Jaqueline Dourado Sá Saenz



Fig. 09 - Oficina Sonoplastia. Foto por Luiz Alvize



Fig. 10 - Oficina Sonoplastia. Foto por Luiz Alvize

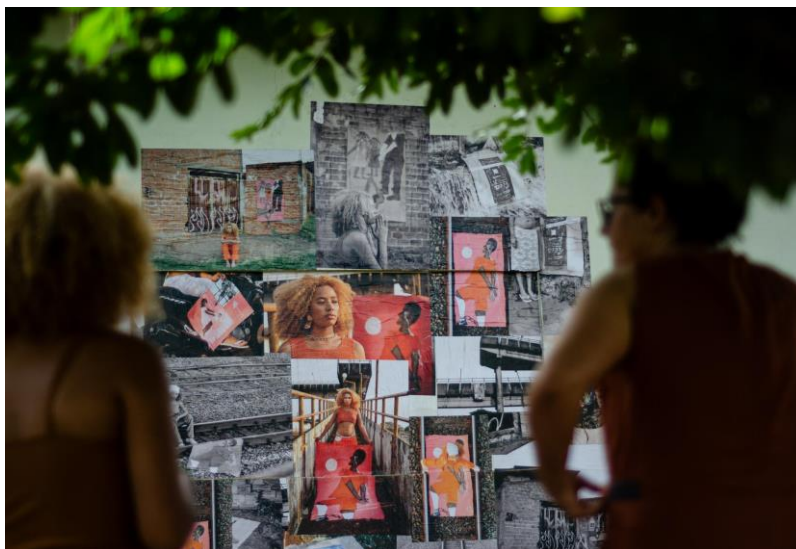


Fig. 11 - Oficina de Lambe-Lambe, na Unespar (Universidade Estadual do Paraná).
Foto por Luiz Alvize



Fig. 12 - Oficina Cartilha Desviante. Foto por Luiz Alvize

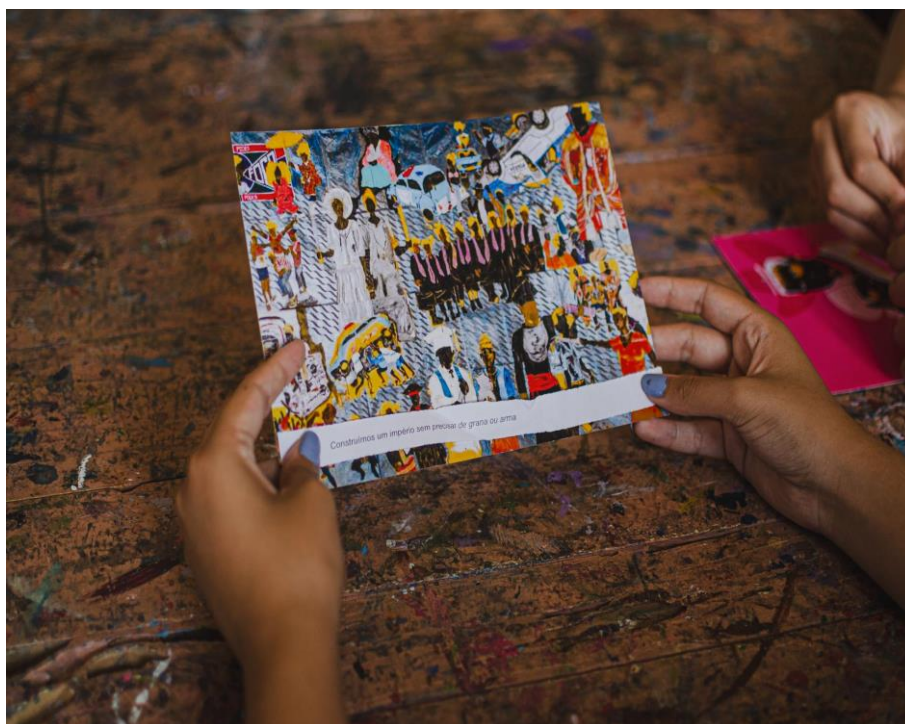


Fig. 13 - Oficina Cartilha Desviante. Foto por Luiz Alvize



Fig. 14 - Oficina Cartilha Desviante. Foto por Luiz Alvize



Fig. 15 - Oficina Dia da Mulher. Fotos por Luiz Alvize

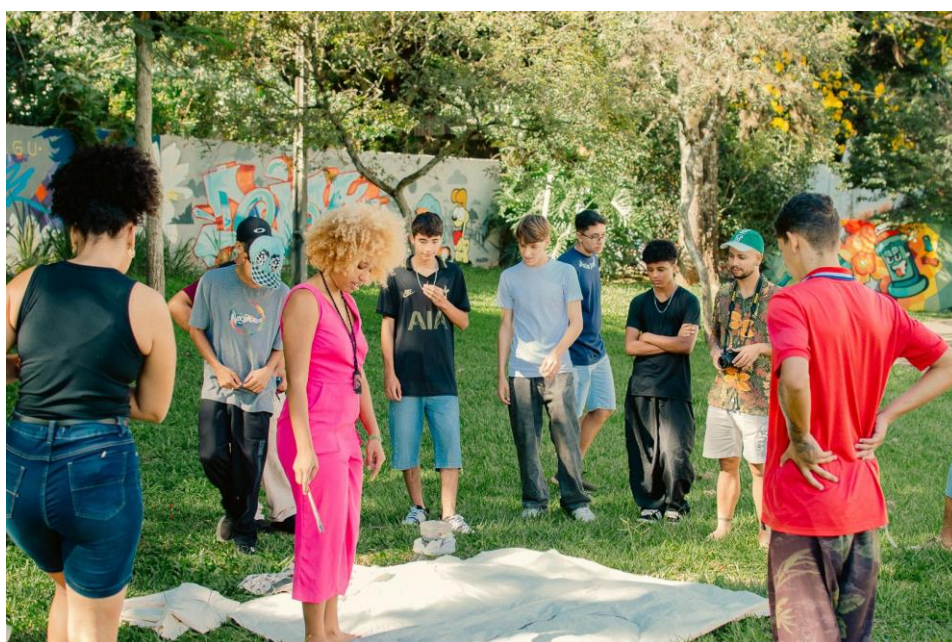


Fig. 16 - Oficina Dia da Mulher. Fotos por Luiz Alvize

O documentário que conta a história do músico, rapper e ator Sabotage²², mostra o quanto o artista usava de todos os meios de comunicação para denunciar as barbáries desse sistema opressor. Durante uma entrevista ele é questionado sobre a sua atuação no cinema brasileiro, ele responde dizendo que “a grande tela é a denúncia das violências que vivemos”. Buscamos, durante o projeto em Apucarana, abordar a importância da educação para combater a criminalidade e o controle que o Estado tem sobre o corpo negro e periférico. Também aconteceu uma exposição, que exibiu as produções realizadas durante as oficinas de arte pelos menores que frequentam o C.A.S.A.



Fig. 17 - Foto por Luiz Alvize

Durante os dias de oficinas, logo no primeiro dia, ouvimos relatos de pelo menos cinco menores de idade que diziam ter vivido ou presenciado violências por parte da Polícia Militar, sendo o racismo estrutural um dos fatores responsáveis por tais atrocidades. A partir de agora, usarei nomes fictícios para contar os relatos desses menores, preservando a segurança dessas crianças e adolescentes.

²² <https://youtu.be/59CJ4Be48xc?si=RJG30HkdoX5KZRLP>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Enzo, 13 anos, relatou que sofreu duas abordagens policiais e nas duas ele conta ter sofrido violência, uma delas deixou uma cicatriz em suas costas, pois os policiais bateram nele com um fio. Valentina, 16 anos, disse que presenciou uma abordagem policial onde um amigo negro de sua mãe apanhou muito durante o procedimento. Everton, 17 anos, falou ter sofrido muitas abordagens, todas foram violentas, em uma delas os policiais arrastaram o rosto dele no asfalto e bateram, deixando fraturas em sua costela, ele nos mostrou a foto dos hematomas. David, 16 anos, disse ter sofrido várias abordagens policiais, em uma delas ele apanhou muito, após ter apanhado, os policiais queriam que ele colocasse a mão na arma, falando que iriam arrastá-lo para o mato com a intenção de matá-lo. Todos os que relataram essas violências são pessoas negras. Nossa responsabilidade, enquanto comunidade, é trabalhar para o fim dessas violências e injustiças sociais.

Durante as oficinas nos apropriamos das histórias de grandes grupos e Mc's da cena do Rap Nacional, como Racionais Mc's, Sabotage, Djonga, Kyan, Tasha, Tracie e demais artista que trabalham com a cultura periférica e que buscam, de alguma forma, através da arte, denunciar abusos de um Estado racista e genocida, que age contra populações negras, pobres e periféricas.

Trabalhamos com oficina de desenho, pintura, sonoplastia, fotografia, curadoria, expografia e audiovisual. Ainda nas oficinas poéticas ministradas, trabalhamos com trabalhos de artistas visuais como Gê Viana, Castiel Vitorino Brasileiro, Elke Coelho, Maxwell Alexandre e Walter Firmo, artistas que buscam, em suas obras, trabalhar com temas que abordam assuntos como ancestralidade, negritude, vivências periféricas e vivências cotidianas.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos descobriu uma maneira de fazer com que os detentos conseguissem melhorar seus relacionamentos com as pessoas, sua autoestima, autoconfiança, desenvolver habilidades sociais e ainda se sentirem mais motivados a trabalhar em grupo: prestar ajuda ao próximo. Tudo isso acontece quando esses detentos passam a ter mais contato com projetos artísticos, como pinturas, desenhos, músicas, fotografia, audiovisual, dança e teatro. Isso porque o fazer artístico nos coloca em um lugar de vulnerabilidade, liberdade e autoconhecimento. Projetos realizados nas prisões da Califórnia têm-se expandido ultimamente, ocupando todas as instalações estatais desde 2017²³.

²³ <https://www.nytimes.com/2023/06/07/arts/dance/dance-class-california-prisons.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Infelizmente, no Brasil, apenas 2% do orçamento penitenciário é direcionado para projetos de reabilitação social. Pesquisadores apontam que tudo que diz respeito a melhorar as condições penitenciárias e a vida dos jovens que cometeram crimes, nunca é colocado como prioridade, pois o sistema carcerário brasileiro é visto como um lugar de punição e não como um espaço de reabilitação, para reintegração desses indivíduos na sociedade. Precisamos entender que expressar sentimentos e conflitos pessoais, através do fazer artístico, possibilita a aproximação da arte contemporânea aos jovens e adolescentes que vivem em situação vulnerável, que infelizmente encontram no crime uma forma errada de conquistar bens materiais, por falta de políticas públicas em nosso Estado.

Na minha concepção, a grande função do artista é afetar as pessoas para uma revolução libertadora. Algumas pessoas acreditam que arte contemporânea é mal apreendida pelo público, discordo, pois a arte contemporânea tem como uma das suas características a maior aproximação possível do público com a obra, entendendo que o sentimento de estranhamento também é aprender algo novo; não podemos afirmar que o público não está apto a aprender de forma correta a arte contemporânea, já que a arte contemporânea precisa do público para ela acontecer, considerando-o um elemento indispensável para a sua integração na sociedade.

Quando eu passei a dar aulas de Arte no presídio, em Santo Antônio da Platina, durante o ano de 2023, através do projeto “Grades em Transgressão”, que é extensão da UEL (Universidade Estadual de Londrina), a minha primeira participação no projeto foi promover uma exposição com os meus trabalhos poéticos realizados durante minha graduação, sendo que o sistema carcerário sempre foi um ambiente frequentado por mim desde da infância. Durante um ano de atuação no projeto, fui pelo menos quatro vezes ao presídio para dar aula; além da exposição, desenvolvi uma oficina de desenho e outra de encadernação. Na oficina de desenho, produzimos em conjunto dois tecidos com aproximadamente três metros cada; já na oficina de encadernação, cada uma produziu seu próprio caderno e falamos um pouco sobre o sistema Adinkra²⁴, pois algumas detentas não sabiam escrever. O sistema Adinkra foi desenvolvido em Gana, composto por figuras que têm significados importantes para organização social desse país, que se localiza no continente africano.

²⁴ <https://portaldireitoshumanos.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/Significado%20dos%20Adinkras.pdf>. Acesso em 15 dez. 2024.

Este tipo de escrita foi a forma que encontramos para as pessoas analfabetas participarem da oficina de escrevivência, entendendo que o desenho e o símbolo também são formas de comunicação. Dentro do livro “Educação como Prática de Liberdade”, de Paulo Freire (1967), o autor que o apresenta, Francisco Weffort, aponta: “[...] a urgência da alfabetização e da conscientização das massas neste País em que os analfabetos constituem a metade da população e são a maioria dos pauperizados por um sistema social marcado pela desigualdade e pela opressão (Freire, 1967, p. 3).

Quando passei no vestibular, meu irmão mais velho estava preso, na época ele tinha 27 anos. Durante o segundo ano de graduação eu fui visitá-lo e durante a visita pedi para o meu irmão levar-me papeis e lápis, pois eu queria fazer alguns desenhos de observação de dentro do presídio. Sendo sincera, eu não sei dizer se foi eu que escolhi trabalhar com esse tema ou se foi esse tema que me escolheu - infelizmente o Brasil tem uma população prisional que não para de crescer.

Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen)²⁵, nós temos a terceira maior população prisional do mundo, ficando atrás de Estados Unidos e China. A maior população carcerária é composta por pessoas negras, 64%, sendo que o Brasil é formado por 53% da população negra, sendo assim, a cada três pessoas que vão presas, duas são negras. Os jovens entre 18 e 29 anos são o maior número dentro dos presídios, sendo 55% mantidos em cárcere, e a população brasileira conta com apenas 21,5% desta população.

Lembro quando o meu irmão parou de estudar para começar a trabalhar, ele falava que nunca gostou de estudar. Eu fico pensando, será mesmo que ele não gostava de estudar ou apenas não gostava da forma com que os ambientes escolares lidam com meninos negros? Uma vez ele contou que sofreu assédio sexual de um professor que dava aulas de matemática na rede pública. Logo quando o Marcelo passou a trabalhar como entregador de água, ele tinha apenas 16 anos, esse professor sempre pedia água na empresa que ele trabalhava; uma vez ele estava instalando o galão de água e o velho de quase 70 anos se aproximou dele com intenções sexuais. Marcelo estava com um canivete em mãos, pois utilizava esse objeto para abrir os galões de água, ele disse ter apontado o canivete em direção ao professor e saiu correndo do apartamento. Depois desse ocorrido, o professor nunca parou de pedir água naquele lugar e quando o chefe do Marcelo passava essa tarefa a ele, Marcelo dizia sentir medo de ir até o apartamento novamente, mas ele

²⁵ <https://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://www.conjur.com.br/dl/in/infopen-levantamento.pdf>. Acesso em 15 dez. 2024.

ia, porque tinha que se manter no emprego, ia calado, sem contar nada a ninguém; acho que ele não contou nem para a minha mãe na época.

Em uma rede de ensino em que o professor não tem a mínima intenção de proteger certos corpos, esse sujeito não deveria estar em uma sala de aula com crianças, é muita ingenuidade nossa achar que a educação que foi inserida no Brasil é uma educação libertadora. Nós ainda estamos tentando nos libertar de uma construção com alicerces racistas e opressores. Ter a mínima noção que a educação deve libertar os indivíduos, faz a gente apenas escolher de que lado está lutando.

Quando penso em cultura, penso que essa é a maior forma de educação, e que algumas pessoas fazem mau uso dela. Quando assistimos TV e vemos a representação do negro na miséria, opressão e ridicularização, nos jornais, novelas e filmes, penso que essa grade de diretores está educando o país a fim de enxergar o negro apenas nessa posição de servo, preso ou morto.

4.1 MAXWELL ALEXANDRE

Maxwell Alexandre é um artista de periferia, vive na Rocinha, favela que até 2022 foi considerada a maior do Rio de Janeiro²⁶ - os moradores enfrentam diversas dificuldades. Ver uma pessoa que sobrevive na miséria ter o reconhecimento do seu trabalho, mundialmente, é uma dose de fé para outras pessoas que vivem na mesma realidade. No mês de dezembro de 2024 foi publicado no perfil das redes sociais, através do Instagram (@rocinhaemfocooficial), a seguinte notícia:

Moradores da Rocinha enfrentam há quinze dias a falta de água em algumas localidades da comunidade, gerando grande preocupação e insatisfação. Apesar de terem acionado a Águas do Rio, operadora responsável pelo abastecimento, a situação ainda não foi resolvida. Segundo os moradores, a empresa informou que a água estaria sendo "manobrada" para atender as áreas afetadas. Contudo, até o momento, nenhuma medida efetiva foi percebida e a população segue dias sem acesso a esse recurso essencial. O problema tem causado inúmeros transtornos, dificultando atividades básicas como cozinhar, tomar banho e realizar a limpeza doméstica. A falta de água, uma questão recorrente em comunidades vulneráveis, agrava ainda mais as dificuldades sociais; os moradores cobram ações imediatas para restabelecer o abastecimento e evitar que a crise se prolongue²⁷.

Por meio de apenas uma notícia, já deu para perceber o quanto é difícil para um corpo que vive à margem acessar os direitos básicos da vida. Ver um jovem negro acessando vários espaços do mundo para denunciar os modos operantes de um sistema capitalista, cujo o único foco é manter o povo na miséria, para a burguesia branca, netos dos colonizadores, continuar montado em nossas costas, é muito importante: “que façam tudo por nós, menos sair das nossas costas” - frase dita por Renato Freitas durante uma palestra no APP Sindicato de Londrina.

Nesse contexto, o artista traz o discurso para si e também para uma coletividade; o preto constitui a sociedade brasileira contemporânea e deve-se atentar para o fato que “agora são os próprios negros que dão o tom dessa representação, assumindo seus próprios discursos, sendo, simultaneamente, criadores e criação de suas histórias pessoais e de seus antepassados” (Felinto, 2013).

²⁶ Segundo o IBGE, até novembro de 2022, a favela do Sol Nascente era considerada a segunda maior do país, com 24.441 domicílios, sendo apenas superada pela Rocinha, com 25.742 domicílios. *In*: <https://diariodorio.com/rocinha-nao-e-mais-a-maior-favela-do-pais/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

²⁷ https://www.instagram.com/p/DDfBRwQO9Jz/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 8 fev. 2025.

A pintura de Maxwell se integra e ocupa um espaço privilegiado, carregada de elementos-chave para sua construção poética e estética, por meio de narrativas contadas: “a arte contemporânea devolveu o direito dos negros falarem por eles mesmos” - frase dita pelo artista durante entrevista para o Sesc TV²⁸.

Dito isto, o artista busca denunciar a falta de direitos que a população da Rocinha enfrenta diariamente. Na série “Reprovados”, o artista questiona a brutalidade, a forma de sobrevivência que os pretos enfrentam no Brasil; o artista busca, especificamente, retratar o cotidiano do lugar onde viveu desde a infância até a juventude, abordando assuntos como conflito por parte da polícia com a comunidade, a dizimação, o encarceramento da população negra e também a falência do sistema público de educação. O uniforme da escola pública municipal do Rio de Janeiro é o objeto principal da série.



Fig. 18 - Maxwell Alexandre. *Série Reprovados*, 2020. 384 x 264 cm

Observando esta obra (fig. 18), a conclusão que chegamos é que a “paz” que o Estado quer estabelecer na favela derrama o sangue de inocentes. Quantas pessoas já morreram em nome dessa paz? O poeta Marcelino Freire, quando escreveu o poema “Da paz”²⁹, nos levou a questionar que paz é essa, que chega matando e violando os direitos

²⁸ <https://youtu.be/hlLuNTAsFSQ?si=cOaT3ThQdNNX7gPc>. Acesso em 15 fev. 2025.

²⁹ https://youtu.be/XDK64q-H0X0?si=1Ye0KMo_bntPN2x3. Acesso em 10 jan. 2025.

de pessoas que pagam os salários da polícia, que deveria proteger a sociedade. Marcelino escreve assim:

Eu não sou da paz/ Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça/ Uma desgraça/ Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator?/ Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não/ Não vou/ A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo/ A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue/ Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou/ Sabe de uma coisa: eles que se lasquem. É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein?/ Hein?/ Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor/ A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe?/ A paz é que não deixa.

O que mais me encanta no artista Maxwell é a audácia que ele tem de juntar a religião cristã protestante com a religião de matriz africana; assim, produz um discurso relacional com estas duas religiões. Este movimento é, certamente, político, portanto, necessário para a comunidade produzir discursos respeitosos para ambas religiões.

O artista faz suas produções usando a pintura sobre papel pardo, questionando a lei de embranquecimento: quando pensaram que poderiam embranquecer o Brasil, ele pinta corpos negros sobre o papel pardo e o corpo preto se sobressai sobre o papel.



Fig. 19 - Maxwell Alexandre. *Bilionário escuro*, da série *Pardo é papel*, 2018



Fig. 20 - Maxwell Alexandre. *Um cigarro e a vida pela janela (diss)*, da série *Pardo é papel*, 2019



Fig. 21 - Maxwell Alexandre. *Não foi pedindo licença que chegamos até aqui,*
da série *Pardo é papel*, 2018



Fig. 22 - Maxwell Alexandre. *Éramos as cinzas e agora somos o fogo (diss),*
da série *Pardo é papel*, 2019



Fig. 23 - Maxwell Alexandre. *Éramos as cinzas e agora somos o fogo*, da série *Pardo é papel*, 2018

Nas palavras do artista:

Em maio de 2017, num desses dias de ateliê em que você vai sem saber muito o que fazer, eu pintei três autorretratos em folhas de papel pardo que estavam perdidas por ali. No dia seguinte, quando olhei as pinturas penduradas na parede, percebi que realmente havia uma sedução estética muito potente, mas somente quando fui fazer a quarta pintura me dei conta do ato político e conceitual que eu estava articulando ao pintar corpos negros sobre papel pardo, uma vez que a cor parda foi usada durante muito tempo para velar a negritude. A designação “pardo” encontrada nas certidões de nascimento, em currículos e carteiras de identidade de negros do passado foi necessária para o processo de redenção – em outras palavras, de clareamento – da nossa raça. Porém, nos dias de hoje, com o crescimento dos debates, a tomada de consciência e reivindicações das minorias, os negros passaram a projetar sua voz, a se entender e se orgulhar, assumindo seu nariz, seu cabelo e construindo sua autoestima por enaltecimento do que se é, de si mesmo. Esse fenômeno é tão forte e relevante que o termo “pardo” ganhou uma conotação pejorativa dentro dos coletivos negros. Dizer a um negro hoje que ele é moreno ou pardo pode ser um grande problema.³⁰

No ano de 2020 Alexandre foi um dos três melhores artistas eleitos pelo *Global Art Advisory Council*, do Deutsche Bank; sendo reconhecido pelo portal *Artsy* como um dos 35 artistas de vanguarda emergentes, ficando como finalista do Prêmio PIPA 2020. As suas obras já integram o acervo de coleções importantes, como da Pinacoteca do

³⁰ In: https://iberecamargo.org.br/wp-content/uploads/2021/09/catalogo_maxwell-alexandre-pardo-e-papel.pdf. Acesso em 13 maio 2025.

Estado de São Paulo, do Museu de Arte de São Paulo, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, do Museu de Arte do Rio, do *Musée d'Art Contemporain de Lyon* e *Perez Art Museum*, em Miami. Que discursos como o de Maxwell possam ser ouvidos; mais do que ser ouvidos, que sejam colocados em prática, tomados como uma responsabilidade social.

5. A EXPRESSÃO DO ÓDIO



Fig. 24 - Alicia Gomes. *Não atire, tem criança*, 2025. Acrílico sobre tela





Fig. 25 e 26 - Alicia Gomes. *Neguinho sonhador*, 2023. Acrílica sobre tela



Fig. 27 - Alicia Gomes. *Série Na mira*, 2023. Acrílica sobre tela



Fig. 28 - Alicia Gomes. *Série Na mira (detalhe)*, 2023. Acrílico sobre tela

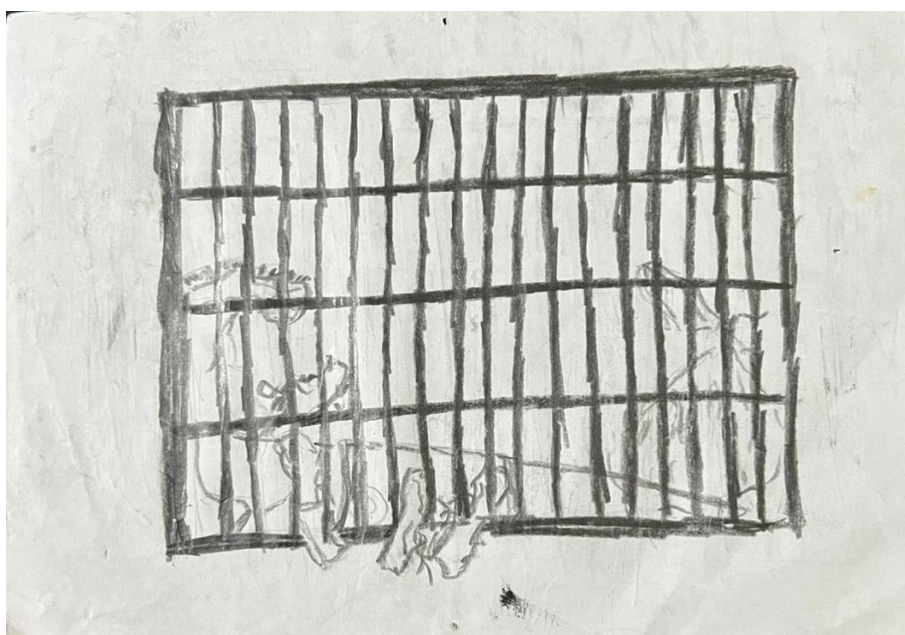


Fig. 29 - Alicia Gomes. *Série Visita*, 2022. Grafite sobre papel

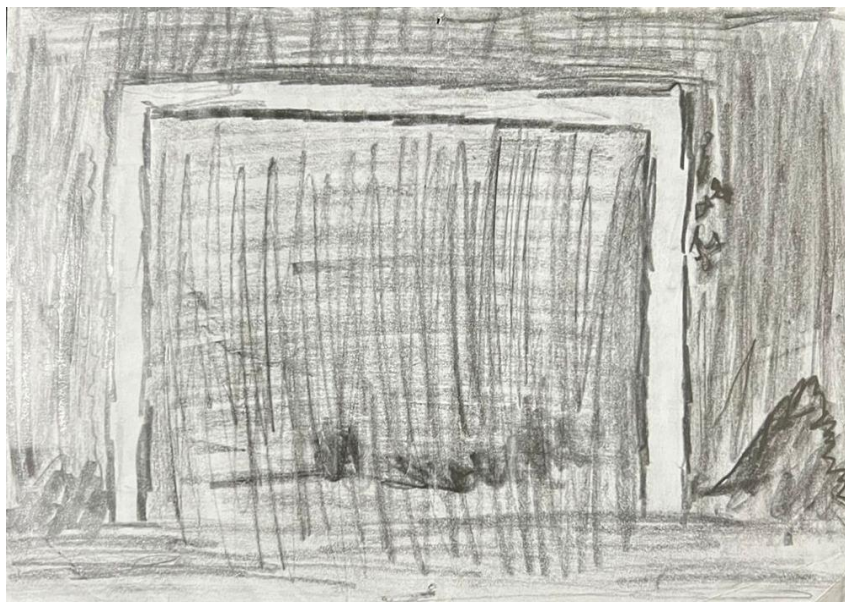


Fig. 30 - Alícia Gomes. *Série Visita*, 2022. Grafite sobre papel



Fig. 31 - Alícia Gomes. *Série Visita*, 2022. Grafite sobre papel



Fig. 32 - Alícia Gomes. *Série Visita*, 2022. Grafite sobre papel



Fig. 33 - Alícia Gomes. *Série Visita*, 2024. Fotografia

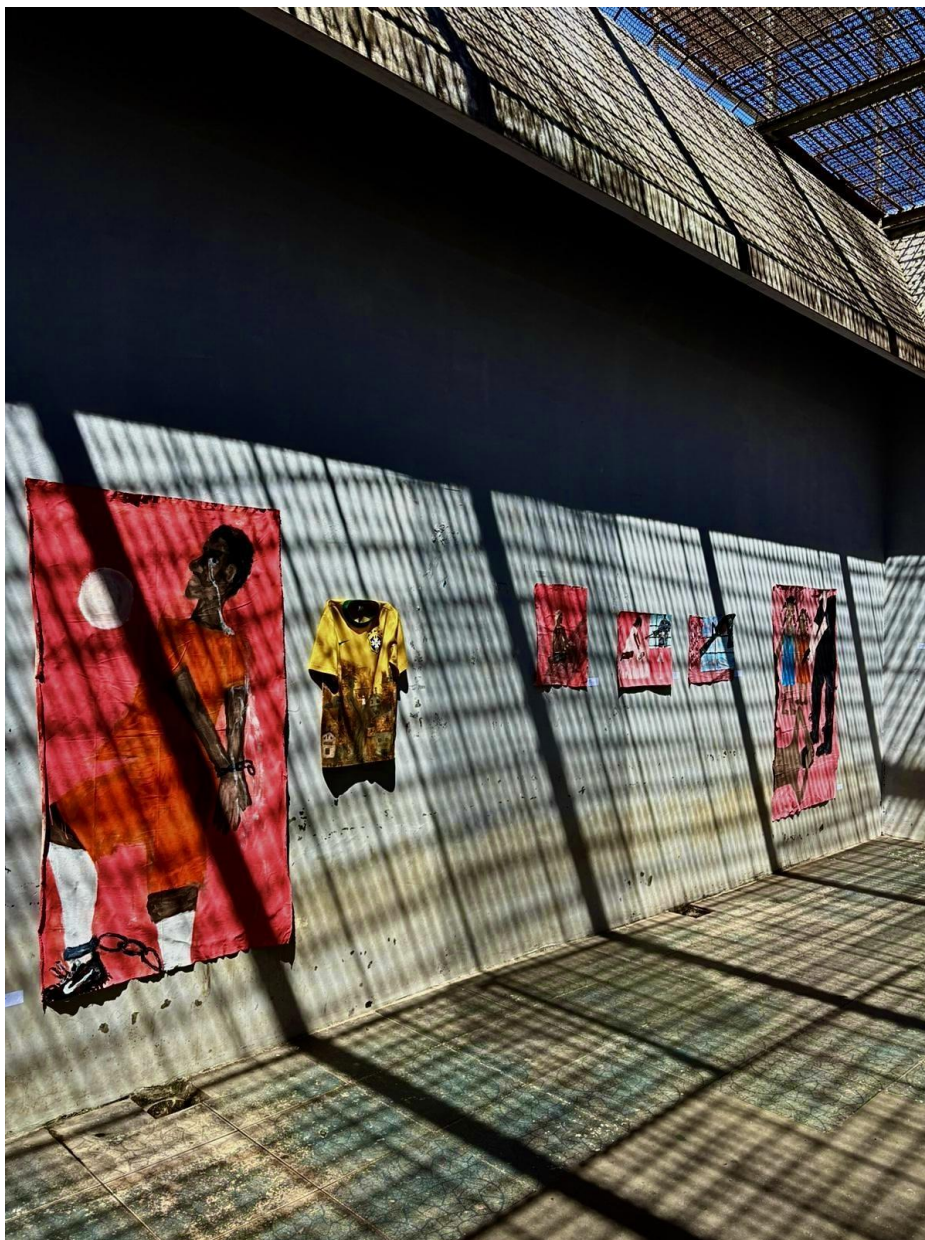


Fig. 34 - Alicia Gomes. Exposição dentro do presídio público de Santo Antônio da Platina, 2023



Fig. 35 e 36 - Alicia Gomes. Projeto *Grades em transgressão*, produzido durante as oficinas no presídio público de Santo Antônio da Platina, 2024



Fig. 37 - Alicia Gomes. *Aliança do Estado*, 2024

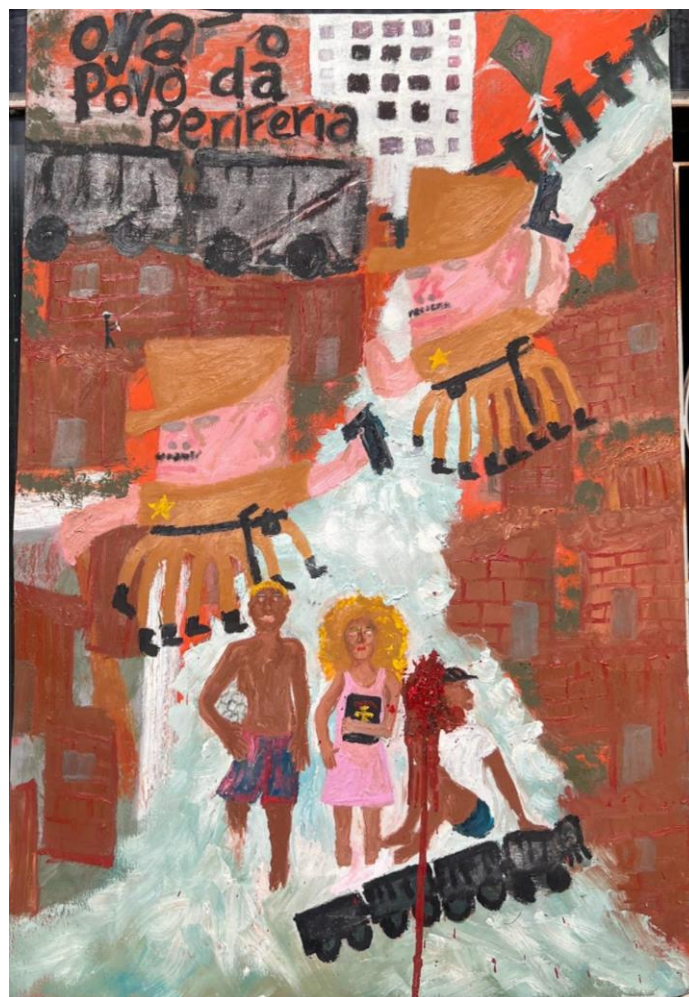


Fig. 38 - Alicia Gomes. *Oyá o povo da periferia*, 2024. Óleo sobre papel

Eu odeio. Odeio que as crianças pretas e pobres tenham os seus direitos violentados. Eu odeio que as mulheres sejam sufocadas pelo machismo. Odeio quando a violência policial mata o povo. Eu odeio cada abusador que violentou meu corpo. Eu odeio o policial que matou meu tio. Eu odeio os três policiais que me bateram e ameaçaram a minha liberdade. Eu odeio a professora que me beliscou quando eu fiz uma pergunta sobre a matéria. Eu odeio os racistas que me rodeiam diariamente. Eu odeio esse sistema capitalista que tem como objetivo a exaustão e o extermínio do povo brasileiro. O que você odeia? O que você faz com o seu ódio? Por que eu odeio tanto?

Claude McKay (2019), é um poeta que escreve sobre o ódio de forma tão expressiva que nos faz esquecer que o ódio nos adoece e nos faz agir como os nossos abusadores. McKay nasceu no dia 15 de setembro de 1889 — Chicago, e faleceu no dia 22 de maio de 1948, foi um escritor e poeta jamaicano-americano, o chamam de poeta antes do Rap, pois falava do ódio e revolta como os rappers fazem na atualidade. “Pega a visão” desse poema de McKay em “A casa branca”:

Sua porta se fecha contra minha face cerrada,/E feito faca sou afiado
pela indignação;/Mas eu possuo a coragem e a graça irada/De me
orgulhar de meu ódio e insubordinação./As pedras da calçada ardem sob
meus pés quentes,/Um selvagem incendiado, descendo a rua
decente/Onde ostenta sua brilhante porta de vidro e aço./Ó eu devo
buscar por sabedoria a todo o instante,/No fundo do meu colérico peito
ferido e bruto/E encontrar nele uma força gigante/Para me ater às letras
de seus estatutos!/Ó eu devo proteger o meu coração marginal,/Contra
o veneno vil de seu ódio mortal (McKay, 2019, p. 32-33).

Eu protejo meu coração desse veneno do ódio, que mata o meu povo, fazendo arte. Sou convicta que o rap me inspirou a pensar e a me expressar para produzir obras de arte, o meu corpo acessa o estado de revolta e ódio, mas estou fazendo revolução artística com esse ódio que o sistema nos entrega todos os dias. “Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram” (Freire, 1987, p. 23).

Meu pai contou-me a história da primeira vez que ele e meu tio Claudemir roubaram: os dois estavam voltando da escola e meu tio ficou com vontade de comer uma uva, então pegou a fruta do cacho; o “dono” do pé de uva viu e esfregou o cacho de uvas na cara dele e falou, “seu neguinho ladrão”. Em seguida, o velho que ficou na “encolha” da uva foi contar ao meu avô o que os filhos dele tinham feito; por conta do processo de escravidão o meu avô se tornou um homem muito agressivo com seus filhos e esposa. Quando meu avô ficou sabendo do ocorrido, bateu no meu tio, que saiu correndo e acabou pisando em uma enxada e cortou o pé; o meu pai, revoltado com o que viu, teve a ideia de soltar todos os pássaros do “dono” das uvas, ele tinha pássaros que eram muito

valiosos, meu pai soltou e o “dono” contou novamente para o meu avô. O próximo a apanhar foi meu pai; após isso os dois se juntaram para se vingar do “dono” das uvas e dos pássaros (uso a palavra dono entre aspas porque acredito que tudo que a terra e a natureza produzem não têm “dono”, é nosso! O mundo foi feito sem cerca, o homem que o cercou).

Então eles planejaram o primeiro roubo da vida deles, um com 11 e o outro com 12 anos de idade: planejaram roubar alhos que eram da plantação que estava cercada pelo “dono” das uvas. Este contou ao meu avô e os dois apanharam muito. O “dono” das uvas plantou o ódio no coração de uma criança de 11 anos que estava com vontade de comer uvas, estas que a terra nos deu. A riqueza produzida pelo sofrimento adoece, a riqueza produzida na gentileza se multiplica. Você nunca perde quando é generoso, a generosidade gera multiplicidade. Quando Jesus multiplicou o pão e os peixes, o que fez manifestar a multiplicação foi o desejo que ele tinha em ser generoso. O que esse homem fez foi plantar o ódio nos corações dessas crianças e esse ódio germinou e deu frutos, mas todos frutos apodreceram. Isso significa que para combater as injustiças, os privilégios e todos os mecanismos que geram a desigualdade, é preciso ser generoso.

O povo indígena é uma referência para reconstruirmos a humanidade do nosso país, o modo como eles enxergam e se relacionam com a natureza, gera vida e não mata vidas. Minha avó paterna é descendente de indígenas, vó Alice, e minha bisavó materna era indígena. Buscando entender um pouco sobre os povos indígenas que viveram aqui no Paraná, descobri a história dos povos Xetá³¹.

O território do povo Xetá foi um dos últimos territórios a ser invadido durante o processo de colonização, no final da década de 1940, quando suas terras passaram a ser roubadas devido à expansão do café: em 1948, contrariando todos os documentos que comprovavam a presença dos indígenas naquele espaço, o governo paranaense entregou a terra Xetá à empresa de colonização Suemitsu Miyamura & Cia. Ltda. Esse território se localiza nas imediações da Serra dos Dourados (PR). Há 85 anos atrás o governo do Paraná estava matando pessoas que aqui habitavam, antes da chegada desse terrorista ganancioso. Depois de três anos, em 1951, o governo de Bento Munhoz da Rocha entregou o território para a Companhia Brasileira de Imigração e Colonização (COBRIMCO), pertencente ao grupo Bradesco, um dos maiores bancos do Brasil. Foi no

³¹ Sobre a história do povo Xetá: (<https://cimi.org.br/2024/02/povo-xeta-separados-pela-colonizacao-unidos-pelo-sonho-de-voltar-ao-territorio/>), (https://youtu.be/_aUyib-tAlo). Acesso em: 10 maio 2025.

início das operações da COBRIMCO que as crianças Xetá começaram a ser retiradas de seus pais, sequestradas e levadas em caminhões para longe de sua terra e família, essa empresa envenenou os seres humanos que ali viviam, foram mais de 500 pessoas mortas. Nas mídias mentiam que essas pessoas estavam morrendo por conta de uma epidemia. Destruíram a natureza que ali existia, queimaram tudo, nas mídias locais ofertavam essas terras como terreno fértil para plantação.

Desde que os colonizadores invadiram as Américas, eles estão construindo os reinados de outros povos com o derramamento de sangue e sofrimento; o racismo estrutural gera a economia do mundo, regredimos. O progresso, na visão dos colonizadores, só atrasa o nosso lado. O nosso povo não é pobre e marginal, nosso povo foi empobrecido e marginalizado pela injustiça, exploração e violência dos opressores. Essa violência é afirmada no anseio de liberdade, de justiça, da luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (Freire, 1987). O autor continua assim:

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É uma distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (Freire, 1987, p. 16).

Produzo minhas obras com a intenção de denunciar a opressão produzida pelo capitalismo. Ao criar eu resisto, ao resistir, eu existo. O objetivo é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada. Quando expressamos o ódio que nos foi oferecido, tornando-o arte, isto é “o corre” da periferia, criamos e logo existimos, não mais resistindo, mas passamos a existir. O cantor Bezerra da Silva, na música “Vítimas da sociedade”³², denunciou, através do samba, o sofrimento do povo da periferia, ele cantava assim:

Só porque moro no morro/A minha miséria a vocês despertou/A verdade é que vivo com fome/Nunca roubei ninguém,/sou um trabalhador/Se há um assalto a banco/Como não podem prender o/poderoso chefe/Aí os jornais vêm logo dizendo/Que aqui no morro só mora ladrão/Se vocês estão a fim de prender o ladrão/Podem voltar pelo mesmo caminho/O ladrão está escondido lá embaixo/Atrás da

³² A canção, na íntegra, pode ser acessada no seguinte link: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1HTy8oA3WQmeb26ZEavEeM?si=bc58a3046f444005> Acesso em: 20 maio 2025.

gravata e do colarinho/O ladrão está escondido lá embaixo/Atrás da gravata e do colarinho/Falar a verdade é crime/Porém eu assumo o que vou dizer/Como posso ser ladrão/Se eu não tenho nem o que comer/Não tenho curso superior/Nem o meu nome eu sei assinar/Onde foi se viu um pobre favelado/Com passaporte pra poder roubar/No morro ninguém tem mansão/Nem casa de campo pra veranear/Nem iate pra passeios marítimos/E nem avião particular/Somos vítimas de uma sociedade/Famigerada e cheia de malícias/No morro ninguém tem milhões de dólares/Depositados nos bancos da Suíça.

Quando produzo coloco no fone um rap, na maioria das vezes Racionais MC 's. Nas minhas pinturas dá para sentir como as pinceladas são pesadas e fortes, a anatomia dos corpos não é uma preocupação, pois o que importa é a expressão do meu corpo e a denúncia que esse corpo quer fazer. É como se fosse um grito de socorro que demorou muito para sair de dentro de mim.

No primeiro ano da faculdade, a minha professora de Desenho I, Elke Coelho, fez uma observação sobre as minhas produções: ela observou que as coisas do dia a dia, do cotidiano, estavam presentes nos meus trabalhos. Mais uma característica do rap, falar do cotidiano da periferia. Os Racionais MC's³³ falam assim: “não se acostuma com esse cotidiano violento”. Tenho percebido que as pessoas já se acostumaram com o cotidiano violento, é assustador como os próprios cidadãos, governadores e as mídias apoiam a violência e a exploração.

O nosso país não tem pena de morte, mas a nossa segurança pública mata diariamente as pessoas nas periferias, essas pessoas também pagam o salário desses servidores públicos, como dito anteriormente, mas ao invés de os proteger eles os matam. Em 2024, no Paraná, a violência policial teve um aumento de 187%. No dia anterior à minha qualificação, ocorreu um extermínio na cidade de Londrina com dois moradores da favela da Bratac³⁴, Kelvin dos Santos, 16, e Wender da Costa, 20, foram mortos por policiais militares em Londrina no dia 15 de fevereiro de 2025. O que eles tinham em comum? Eram negros e moradores de periferia!

Djamila Ribeiro, no livro “Pequeno Manual Antirracista” (2019), afirma que o sistema escravocrata ainda impacta a forma como a sociedade se organiza. Segundo a autora, o genocídio da população negra ainda nos assombra por meio da violência generalizada que o Estado promove - nessa sociedade, é natural sentirmos medo. Os dados

³³ A canção pode ser acessada no seguinte link: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4QsfSMCOEmTbPzHCCLbhgr?si=3f692a4a157d4c8a>. Acesso em: 20 maio 2025.

³⁴ A favela da Bratac se localiza em Londrina, é um bairro distante do centro urbano, tendo o histórico de presenciar violências, seja do crime organizado ou da segurança pública.

do artigo “Violência Policial no Estado do Paraná: uma análise dos dados de violência e letalidade nas principais cidades paranaenses”³⁵, apontam o perfil; a análise também revelou o perfil das principais vítimas dessas ações violentas: em 2018, das 260 vítimas, 259 (99,6%) eram do sexo masculino. Além disso, 64,2% das vítimas tinham idade entre 18 e 29 anos. Nesse sentido, as principais vítimas são jovens do sexo masculino. Ainda, no primeiro semestre de 2021, mais de 50% das vítimas eram pessoas negras ou pardas, o que representa uma porcentagem alta, visto que a soma da população negra e parda corresponde a somente cerca de 30% da população paranaense.

A violência policial, devido ao contexto histórico e sociocultural do Brasil, atualmente resulta na chamada criminalização da pobreza. Fatores como raça, sexo, idade e classe social são usados para definir quem é “bandido”. Infelizmente, essa violência é um movimento natural que acontece quando um indivíduo se sente superior a outro indivíduo. Lélia Gonzalez (2020) aponta que mesmo após a abolição, a população negra continuou marginalizada na sociedade brasileira que discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde, à moradia decente. Renato Freitas, mestre em direito pela UFPR (Universidade Federal do Paraná), aponta que:

O caráter soberano sobre a vida do *matável* se estende a todos os outros incluídos na ordem, é precisamente por essa razão que o noticiário destaca o fato de que o assassinado, pelo Estado ou por outros indivíduos, tinha “passagem na polícia” ou “envolvimento com drogas”, fazendo com que o senso comum aceite, compreenda e apoie essas mortes, pois criou-se no imaginário popular o paradigma de guerra, em que se instaura o *estado de exceção*, e sua figura correlata é o *homo sacer*, o excluído, inimigo da ordem, incluído apenas pela sua vulnerabilidade e matabilidade. Consequentemente, se pobre, negro e *bandido*, todos podem matar sem responder por homicídio (Freitas, 2017, p. 30).

O *Homo Sacer* é uma figura do direito arcaico romano (homem sacro), é aquele que ao cometer um crime, não poderia ser sacrificado segundo os ritos da punição e deveria ser morto, quando morto seria poupado da punição dos deuses. Isso acontece porque cometeu um crime além de qualquer punição, é indesejado pelos deuses e pelos homens, ficando fora de “jurisdição” de ambos, é “insacrificável”, mas “matável”.

³⁵ Link de acesso a matéria: <http://www.eaic.uem.br/eaic2024/anais/artigos/7010.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.

No livro “Lélia Gonzalez, por um feminismo Afro Latino Americano”, Flávia Rios e Márcia Lima apontam a perseguição sistemática, opressora e violenta da polícia contra pessoas negras; um dos mecanismos mais cruéis de manutenção do espaço social ocupado por jovens periféricos seria a solicitação de documentos - principalmente a carteira profissional - de homens negros, reforçando e produzindo a discriminação e desumanização de corpos pelo imaginário hegemônico, normatizado pelo pacto da branquitude; é o que Cida Bento, psicóloga e ativista, afirma quando diz do “pacto de cumplicidade não-verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18).

Em termos socioculturais, podemos voltar ao pensamento de Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo político que, em sua tese “Pele negra, máscaras brancas”, de 1952, aponta que a caracterização de humanidade universal é, na realidade, uma projeção dos valores e percepções europeias hegemônicas, os hábitos, comportamentos e o conhecimento socialmente valorosos partem do mito da sociedade europeia, o colonialismo exige o adestramento do corpo. É preciso se portar, vestir e falar como branco. O debate não é, no entanto, essencializado, os polos negro e branco não são auto constituídos - são pares dialéticos de um mesmo sistema, onde a cor da pele só tem um sentido social e político por causa do processo histórico de colonização, acumulação de capital e da escravidão.

Agora, o que era ódio virou consciência. Em meus trabalhos, dá para perceber a potência das narrativas quando nos deparamos com uma cena vivida por mim com 9 anos (fig. 24), um policial apontando a arma para o meu tio que está sem camiseta no chão e desarmado, eu e minha irmã Ana Paula aparecemos ao fundo, uma tentando proteger a outra. Naquele dia eu percebi que o Estado não é capaz de me proteger e quem pode me proteger são outras mulheres negras.

Quando eu e minha irmã éramos criança, visitamos meu pai no presídio de Apucarana (PR), íamos uma vez na semana; a cada semana era um grupo de sargentas mulheres que nos recebiam. Quando esse grupo de sargentas era composto por mulheres brancas, elas faziam eu e minha irmã tirar toda a roupa e agachar em um espelho localizado no chão; na semana que o grupo de mulheres era de sargentas negras, elas não pediam para gente tirar a roupa, apenas passava o detector em nós, porque falavam que crianças não precisavam passar por este tipo revista severa. Como será que essas mulheres brancas enxergavam crianças pretas de 10 e 11 anos, como possíveis criminosas? O fato delas acharem que o meu pai seria capaz de nos induzir a fazer algo tão desumano, que

destruiria nossa infância e nosso direito de criança de poder ser criança, já é revoltante. Eu só percebi que essas mulheres brancas estavam violando nosso corpo, quando as mulheres negras preservaram o nosso direito de ser criança. Na semana que era das sargentas negras, a companheira do meu pai que estava aguardando na fila expressava um sentimento de alívio, dizendo: “hoje vai ser tranquilo, são as policiais negras, então não vai precisar que vocês tirem as roupas”.

Em “Memoriais de plantação: episódios de racismo cotidiano”, Grada Kilomba (2019) conta a história de uma criança negra que tinha entre 12 a 13 anos, que precisou ir ao médico e ao final da consulta o médico fez uma pergunta, tentando subordinar uma criança para servi-lo durante uma viagem de férias com sua família, enquanto empregada doméstica - não gosto muito de usar o termo “doméstica”, porque remete ao período de controle ao corpo de mulheres negras, o ideal seria usarmos “Auxiliar do lar”. Ao contar esta história Kilomba troca os personagens, perguntando aos leitores: se a menina fosse uma garotinha branca, seria passível a essa violência? E se o médico fosse negro, será que ele enxergaria uma criança negra como escrava? (Kilomba, 2019).

Outra pintura que realizei (Fig. 25 e 26) é de um homem negro que sonhava em ser jogador de futebol, mas antes que pudesse alcançar esse sonho, era visto como bandido e marginal. O compositor Djonga, em sua música HatTrick³⁶, afirma que meninos negros são enxergados como bandidos desde criança, ele escreve assim:

O dedo/Desde pequeno geral te aponta o dedo/No olhar da madame eu consigo sentir o medo/Cê cresce achando que cê é pior que eles/Irmão quem te roubou te chama de/ladrão desde cedo/Ladrão/Então peguemos de volta o que nos foi tirado/Mano ou você faz isso ou seria em vão/O que os nossos ancestrais teriam sangrado/De onde eu vim quase todos depende de mim/Todos temendo meu não, todos esperam meu sim/Do alto do morro rezam pela minha vida/Do alto do prédio pelo meu fim.

Nosso povo vai voltar a ter direito de sonhar. Em 2022, quando fui ao presídio e desenhei (Fig. 29 a 32), eu tinha como intenção mostrar o meu lado da história. Não estou afim de convencer ninguém a pensar como eu, apenas quero ter a oportunidade de poder falar sobre as violências que o Estado fez com o meu corpo; quando eu falo corpo, são todos os meu ancestrais existentes nessa terra, porque somos um, eu sou porque nós somos. Isso é Ubuntu³⁷! Quando meu tio foi morto, a justiça não ouviu as crianças e

³⁶ Acesse a música na íntegra: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/44OcWyg9TzCFc4uirVKiBe?si=d5f726cd8c364403>. Acesso em: 15 abr. 2025.

³⁷ Ubuntu é uma palavra de origem nos idiomas zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado a humanidade para todos. A Filosofia Ubuntu fundamenta-se em uma ética da coletividade, representada principalmente pela convivência harmoniosa com o outro e baseada na categoria do “nós”,

mulheres que estavam no local como testemunhas, hoje eu sei o direito que tínhamos em falar sobre o ocorrido a partir da visão de crianças e mulheres. Tem uma pintura (fig. 27 e 28) que também relata esse dia, que é um policial apontando a arma para um bebê de 8 meses. Esse meu tio que a polícia assassinou me inspirou a ser artista, ele sempre falava que estudar era muito importante.

O sofrimento não ensina ninguém. Quando a gente sai de um relacionamento tóxico, acreditamos que aprendemos alguma coisa com os abusos que nos foram ofertados durante essa relação. E quando saímos dessas relações abusivas, a única coisa que conseguimos fazer é encontrar outras relações abusivas. Quando não experimentarmos relacionamentos saudáveis e respeitosos, nunca aprenderemos a sentir o que é bom, perfeito e agradável. Se aplicarmos esse mesmo raciocínio pensando em direitos humanos, afirmamos que os oprimidos só vão perceber que estão tendo seus direitos violentados, quando acessar os seus direitos legítimos.

Meus trabalhos artísticos nascem da vontade de lutar por justiça e paz; antes, eles nascem no meu quarto quando eu oro. Sempre oro pedindo espiritualidade pela misericórdia da vida das crianças que estão sofrendo na mão dos seus abusadores. Oro para que os negros e indígenas sejam tratados com dignidade. Oro para que mulheres voltem em segurança para casa e que sua casa seja um lugar seguro. Oro pedindo a proteção dos jovens negros, que nenhuma bala encontre sua pele preta. Oro para que o sofrimento do povo brasileiro chegue ao fim. Oro para que os indígenas tenham novamente a posse das terras brasileiras. Oro para que a bondade e o amor se infiltrem no coração daqueles que semeiam o ódio contra o povo brasileiro.

Se você não “pegar a visão”, a mídia vai te ensinar a odiar o seu semelhante e sequentemente a odiar a si mesmo. Nesse sistema capitalista até o oprimido se torna o opressor, e quem promove a opressão se beneficia dela, desfrutando de privilégios.

Durante a graduação eu tive a experiência de ir ao presídio, por meio do projeto de extensão Grades em Transgressões³⁸, para fazermos oficinas com as detentas da Cadeia

como membro integrante de um todo social. Ubuntu é não interromper a criança quanto ela quer falar quando um adulto estiver falando, isso é o maior início de rompimento com a humanidade, todos devem ter o direito de falar. A voz de todos importa numa sociedade. A força Ubuntu resgata a essência de ser uma pessoa com consciência de que é parte de algo maior e coletivo. De acordo com os fundamentos de Ubuntu, eu existo porque o outro existe, somos pessoas através de outras pessoas e que não podemos ser plenamente humanos sozinhos, sendo feitos para a interdependência. Nesse contexto, fundamenta-se nas relações entre o divino, a comunidade e a natureza.

³⁸ É um projeto de extensão da UEL (Universidade Estadual de Londrina), que visa promover ações voltadas à humanização de corpo que foram violentados por um sistema esmagador, promovemos oficinas educativas para mulheres privada de liberdade na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina/PR, por meio de atividades capazes de tornar o processo de cumprimento uma forma das detentas acessar direitos à

Pública de Santo Antônio da Platina. A minha primeira exposição foi no pátio dessa instituição prisional e tinha como título “Consciência por trás das grades” (fig. 34); o objetivo era criticar as ações da segurança pública. Não era nenhuma novidade para as detentas aquilo que estava sendo exposto, mas para a Academia parecia que era um grande espetáculo a dor e a opressão impressa em meus trabalhos. As detentas tinham mais conhecimento sobre a opressão do sistema de segurança pública do que nós que pensávamos que estávamos ali para ensinar alguém.

Quando nos propomos a pensar em aulas ou oficinas, devíamos ter como princípio que não iremos ensinar ou doutrinar ninguém, mas que iremos produzir conhecimento coletivamente. Fui mais vezes neste presídio como idealizadora de duas oficinas, a primeira, “Consciência Cotidiana”, tinha como objetivo que as mulheres que estavam nessa instituição praticassem o desenho, a escrita e expressão que o corpo delas queria. Foram dois encontros para realização desta oficina. No primeiro encontro nós vimos livros de obras de arte, também refletimos sobre uma música dos Racionais MC’s, “Mágico de Oz”³⁹. Após, entregamos 5 folhas para cada mulher e depois de 1 hora recolhemos todas as folhas, fizemos uma curadoria daquilo que foi produzido por elas e voltamos depois de 15 dias com dois tecidos grandes, cada um deles com mais de 2 metros, utilizamos pó de grafite e óleo de linhaça. Elas eram livres para criar, mesmo estando privadas de sua liberdade, parecia que naquele momento encontraram segundos de liberdade (fig. 35 e 36).

No segundo encontro, fizemos encadernação, produzimos cadernos com a intenção de incentivá-las a escrever; como sabíamos que algumas mulheres não sabiam escrever, apresentamos para todas o sistema Adinkras⁴⁰, que são desenhos de símbolos que têm significados por trás de cada simbologia, esses símbolos se espalharam por todo mundo, ainda mais em lugares onde aconteceu o processo de escravidão. Aqui no Brasil

educação, visando fomentar a construção de uma rede integrada de apoio, para potencializar a formação educacional, inclusão digital, profissional, política, artística/cultural/musical, com vistas a proporcionar atos de fortalecimento e garantias de direitos a dignidade humana, voltando a humanização social de corpos que são desumanizado diariamente.

³⁹ Acesse a música na íntegra: (<https://open.spotify.com/intl-pt/track/6G6FR1CEiuwkEbp33ryGAY?si=42fbef8854d54bbd>.)

⁴⁰ Os Adinkras são um conjunto de símbolos pertencentes ao povo Ashanti, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africanas. Também, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais.

o símbolo do Adinkra mais encontrado é Sankofa⁴¹. Este Adinkra simboliza um pássaro que olha para trás, e significa “volte e pegue os conhecimentos dos seus ancestrais” ou “voltar para buscá-la”, nos ensinando o valor de aprender com o passado para a construção do presente e do futuro. Não devemos esquecer nossas raízes, pois sua tendência é figurar inexoravelmente em todos os aspectos de nossas vidas.

Esses dias, parei para pensar como os povos indígenas viveram sem polícia aqui nas Américas, e a resposta foi simples e óbvia, eles se organizavam a partir daquilo que a filosofia chama de *ethos*. Os povos indígenas vivem milenarmente sem qualquer organização de segurança pública institucionalizada que tenha equivalência ao que conhecemos como polícia⁴². As estruturas de opressão que atravessam a sociedade ocidental são praticamente inexistentes nessas sociedades, como deveria ser nas periferias.

Desde criança ouvi que nós, moradores da periferia, deveríamos, de toda forma, evitar chamar a polícia. Sempre que a polícia aparece, nós moradores entendemos que para resolver problemas das periferias, quando havia uma desavença entre membros da comunidade, por exemplo, quem de fato busca soluções para resolver os conflitos são os próprios moradores, até mesmo o crime organizado.

As sociedades indígenas e periféricas se organizam a partir de outros princípios, condutas, crenças e práticas culturais, que conduzem e regulam as formas de justiça e acordo social. Essas lógicas se constroem na coletividade para a resolução de conflitos nas aldeias e periferias, sem a necessidade do elemento de vigilância e punição, que foi criado para o controle de seres humanos que essa estrutura policial e judicial desumaniza todos os dias, como um processo de marginalização desses corpos.

⁴¹ *Sankofa*, parte de um conjunto de ideogramas chamados *adinkra*, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/#:~:text=H%C3%A1%20na%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20africana%20um,prente%20e%20construir%20o%20futuro%E2%80%9D>. Acesso em: 13 maio 2025.

⁴² Acesse a matéria na íntegra: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/como-os-povos-indigenas-nos-fazem-compreender-a-seguranca-publica-no-brasil>. Acesso em: 13 maio 2025.

6. O CONHECIMENTO É ANCESTRAL

Quando entendi que o conhecimento é produzido coletivamente, percebi que fazer cultura também é um processo coletivo. A partir disso, tive a iniciativa de começar a escrever um projeto cultural durante as minhas férias de 2023, escrevi um projeto social na Lei Paulo Gustavo, um incentivo financeiro do Governo Federal, que foi o Projeto L.I.C (Liberdade, Igualdade e Conhecimento). Este projeto e suas ações já foram abordados no decorrer desta pesquisa, mas pretendo trazer aqui dados e associações, entre o projeto e a minha trajetória pessoal, que ainda não foram expostos.

No ano de 2019 a espiritualidade falou-me que eu teria um projeto social com o nome L.I.C, após cinco anos eu entendi o objetivo do Projeto L.I.C: garantir o conhecimento e a liberdade das pessoas que são marginalizadas dentro dos espaços educacionais. O projeto iniciou suas atividades no dia 24 de agosto de 2024, com os menores que frequentam o C.A.S.A (Centro de Apoio Social ao Adolescente), instituição de acolhimento para jovens em medida socioeducativa, na cidade de Apucarana-PR.

O projeto tem como propósito que os adolescentes se pensassem enquanto sujeitos históricos, autônomos, portadores de discursos reflexivos, críticos, disruptivos e experimentais. O pesquisar em arte, por suas especificidades metodológicas, como as possíveis articulações propostas na *artografia*, nos abre a possibilidade de colocar em perspectiva nossas próprias vivências, entendendo-as como mobilizações investigativas no campo cultural, social e histórico.

Nas oficinas com os adolescentes, essa percepção foi concretizada por propostas como a “Cartilha Desviante”, ação que, em diálogo com as características relacionais da arte, dispõe do uso das possibilidades de associação infindáveis entre objetos e discursos. Entendendo a arte contemporânea como espaço para a horizontalidade, relativização e contestação das múltiplas narrativas socioculturais.

Aos sábados de manhã, das 10 às 12h, realizamos⁴³ oficinas no C.A.S.A. A ideia era estabelecer contatos, aproximar os adolescentes das experiências possibilitadas pelas pesquisas, entendimentos e trabalhos artísticos brasileiros, com foco na produção periférica. Nos primeiros dias de oficina, quando entramos em contato com os adolescentes, apresentamos o projeto e propusemos a “Cartilha Desviante”. Desses princípios, buscando trabalhar coletivamente com os sujeitos que, de modo sistemático,

⁴³ Alana Gentil Carani, Cleverson Souza, João Pedro Cunha Silva, Jaqueline Dourado Sa Saenz, Patrick Santos e Luiz Gustavo Alvize.

são empurrados à margem e destituídos de seus direitos. O fazer artístico é coletivo, isso nos faz entender o porquê nossos ancestrais produziam coletivamente. Viver é uma experiência coletiva, se os nossos estão morrendo e estão presos, nós não estamos livres.

No Brasil, a legitimação da brutalidade policial é afirmada diariamente na mídia; o imaginário estruturante do país, colonial e racista, desumaniza os corpos periféricos a partir da violência institucionalizada do Estado que se infiltra nos discursos cotidianos e nas autopercepções de quem não compartilha do pacto da branquitude.

Nunca devemos nos acostumar com a violência que está instaurada no nosso mundo. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente⁴⁴, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Não queremos vingança, queremos justiça. O rapper Sabotage no documentário “O Maestro do Canção”⁴⁵ (2015), diz que canta com a intenção de ensinar as crianças que o caminho das drogas não compensa, o cantor diz: “pras drogas basta um simples não”, e continua, “as crianças já não brincam mais de bola, não vai mais pra escola, na rua bebe pinga e cheira cocaína, é o que a vida nos ensina” - versos da música “Canção Foi Tão Bom”⁴⁶. Como dito algumas vezes no decorrer desta pesquisa, o rap traz como centro a realidade da periferia, sendo que Sabotage se tornou alvo do Estado ao denunciar as barbáries que cercavam o lugar onde morava. O Rap é uma educação popular! Tem como compromisso o fim do sistema que mata jovens periféricos todos os dias, comunicando a luta histórico-social pelos direitos humanos da população brasileira. Freitas, afirma que:

O rap é um discurso político alternativo ao acadêmico-teórico, oficial e tradicional, é a voz que vincula a narrativa à realidade concreta experienciada pela periferia, além de promover o decisivo deslocamento do narrador principal; da vítima para o criminoso, do Estado para o excluído (Freitas, 2017, p. 23).

A arte de periferia exerce um espaço problematizador, os objetos artísticos mobilizam um campo de questões e se materializam enquanto intervenções no território sociocultural. A escolha por uma metodologia pedagógica não implicou, para nós, em uma estrutura pré-estabelecida. O que temos, antes de tudo, é um horizonte político e o exercício das possibilidades investigativas infindáveis que se dão na arte contemporânea

⁴⁴ Romanos 12: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/rm/12>. Acesso em: 13 maio 2025.

⁴⁵ Acesse o documentário através desse link: https://youtu.be/59CJ4Be48xc?si=QTIfXiY2FW_BaSU6. Acesso em: 13 maio 2025.

⁴⁶ Acesse a música na íntegra: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0bqNG1CGfhfE7iy6Fk5wG8?si=79580aba44b94229>. Acesso em: 13 maio 2025.

enquanto território alargado e expandido de conhecimento. Os caminhos anunciados por Paulo Freire e a educação popular indicam a relação intrínseca entre práxis e teoria, luta e conhecimento, compreensão e transformação - o projeto vem como abertura de espaço para a produção e experimentação de pensamentos autônomos, insubordinados e anti-hegemônicos.

Ouvi da espiritualidade que a minha profissão tem a ver com o meu chamado espiritual na terra. Acredito que a arte tem o poder de converter o pensamento das pessoas; estou interessada em converter as pessoas a amar e a respeitar as outras pessoas. Devíamos fazer um caminho de conversão para salvar o Brasil, abandonando as práticas colonialistas que estruturam o sistema capitalista, voltando-nos às práticas humanistas, como exemplo, o modo como os indígenas se relacionam com a natureza. Quando defendemos a natureza, defendemos a família. Isto é Sankofa: retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

Sempre tive um contato muito forte com a espiritualidade, para mim é impossível falar da minha caminhada sem citar a presença da espiritualidade, ela me acompanha onde eu estiver. Mano, pode parecer loucura, mas a maioria das coisas que acontecem na minha vida, a espiritualidade já tinha me falado que iria acontecer. Uma vez uma pessoa falou que eu faria um curso na faculdade que envolveria desenhos de corpos nus, na época nem sonhava em fazer Artes Visuais, muito menos sabia que nesse curso teria aulas com modelo nu.

No dia que a polícia matou meu tio, uma vizinha evangélica alertou a minha mãe do que estava prestes a acontecer, que a espiritualidade estava nos livrando de uma terrível morte. Tenho guardado comigo um caderno, onde escrevo tudo aquilo que a espiritualidade falou que aconteceria na minha vida, escolhi escrever tudo em um caderno, porque uma mulher um dia me parou e disse que era para eu escrever tudo aquilo que a espiritualidade falasse sobre o meu futuro. Todas as coisas que estão lá escritas, dão-me muito medo, porque penso que para aquele que muito é dado, muito será cobrado. Seguem algumas páginas deste caderno, a fim de explicitar a natureza heterogênea e relacional deste material, principalmente quando aproximado com as minhas práticas artísticas e/ou educacionais.

entidades

- Baiano disse

- Alguém da sua família
planteou uma semente
da espiritualidade
a semente se tornou
uma árvore e fez
sombra então descanse
nessa sombra da
Espiritualidade

- Maria padilha

- via você mesmo que
você queria menina,
você estende as mãos
e me dá batem as
coisas do corpo
na minha mão

e falou para se
fazer um pedido

continue falando
que eu sei muito
prospero prospera
e que as coisas
grandes estava
próximas para
acontecer na minha
vida.

- Eri - (Crista)

me deu o último
pedaço de bolo e
falou para eu fazer um
pedido

- Ganhei presentes 2024
espirituais



O Marcelo conti-
nuou falando que
eu compraria
um carro um dia

Você é
formosa
Menina,
você é
muito formosa
beto velho

Que tem forma
ou aparência
bonita e bem
feita; belo, bonito

Quem seria
a volúta
criatura?!



maria

Alguém
formosa
mulher,
bem dividida
talvez a
musa
criante
do romanista

2. Que
agrada
pelas quali-
dades morais;
puro, singelo;
É uma jovem
bonita, de
espírito
formoso

pintados por mim

2024



Uma pessoa chamado
Marcelo disse no mês
de junho

dia 16

Mimima, você esteve em
viagem esse dia e encontrou
uma pessoa ~~que~~ (pensei
na mesma pessoa de 2021)
Deus ~~me~~ mandou dizer
que vocês vão viver muitas
coisas juntos, você usará
muito perseguido em todas
as áreas da vida. Mimima
você não precisa viver
solitário, pois ~~deus~~ elas
venham até você, você
vai ser muito rico
e tudo que você

fizer vai dar certo,
Deus está te curando!
Valéria a sua mãe
e a sua irmã, nunca
se esqueça de onde
você veio. A sua vez recon-
terá. Deus usará da sua vez para
converter muita gente, dentro de
uma ~~hora~~ Deus vai te dar um
Mink ~~carro~~. 16/06/2024.

presentes espirituais



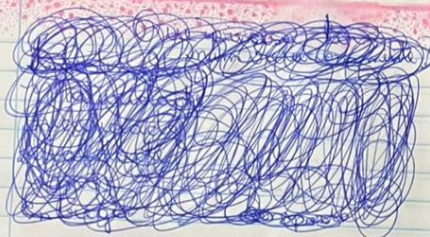
- Jia, nunca se esqueça
de onde você ~~veio~~
você.

2024.

dia 23 de junho

Você é formosa, mimima

- Maria Padilha



Que precisa ter
num relacionamento?

Investimento

Amor

Entrega

Maturidade

Diálogo

Fidelidade

Respeito

Perdão

Liberdade

você é muito

formosa, mimima

- Rute Vilho

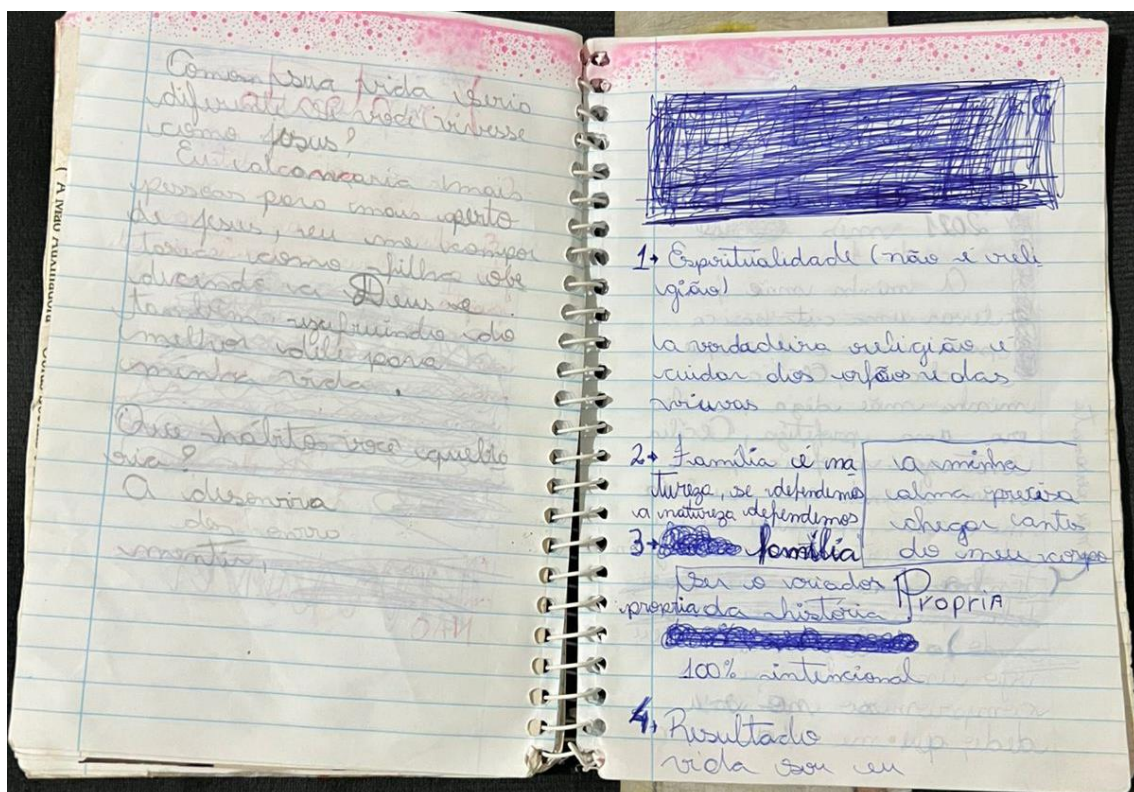
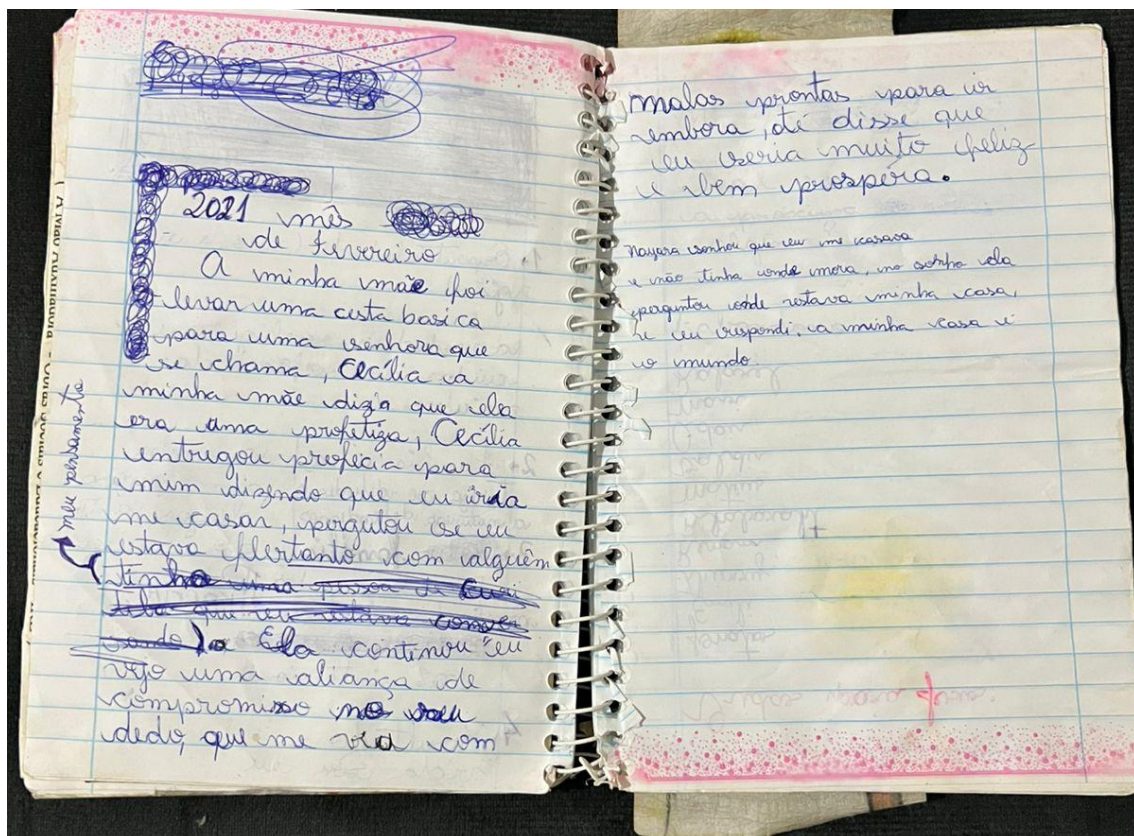
2022

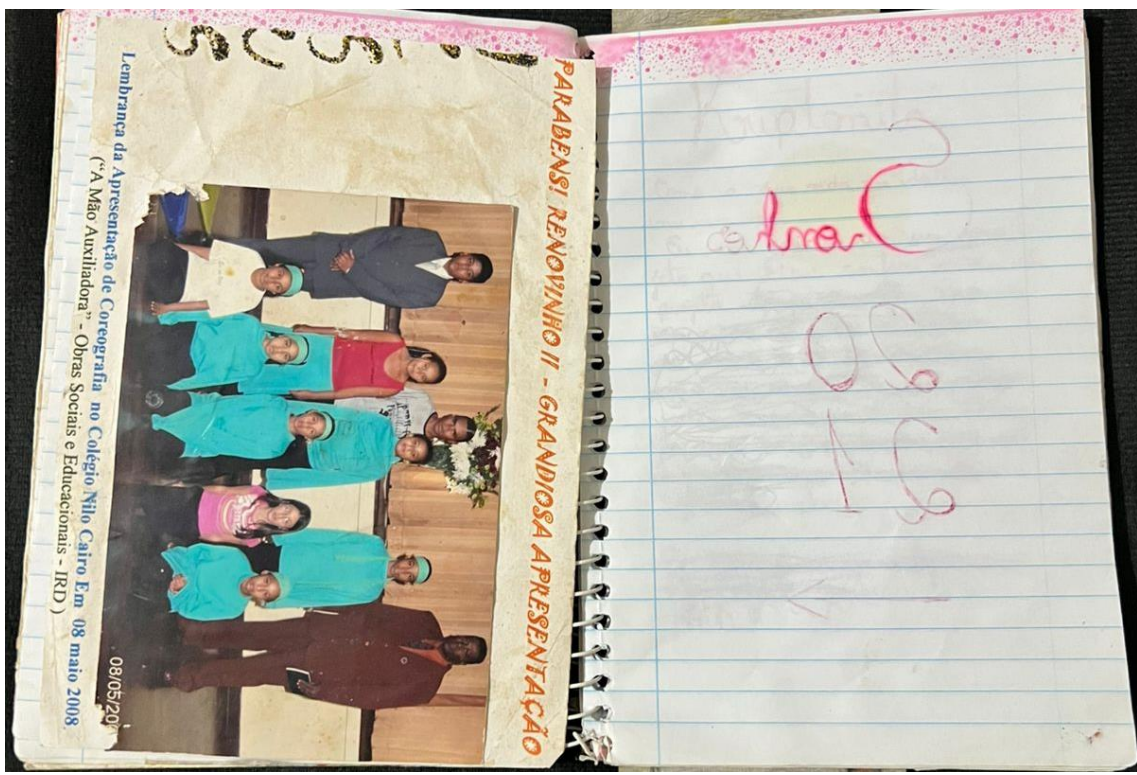
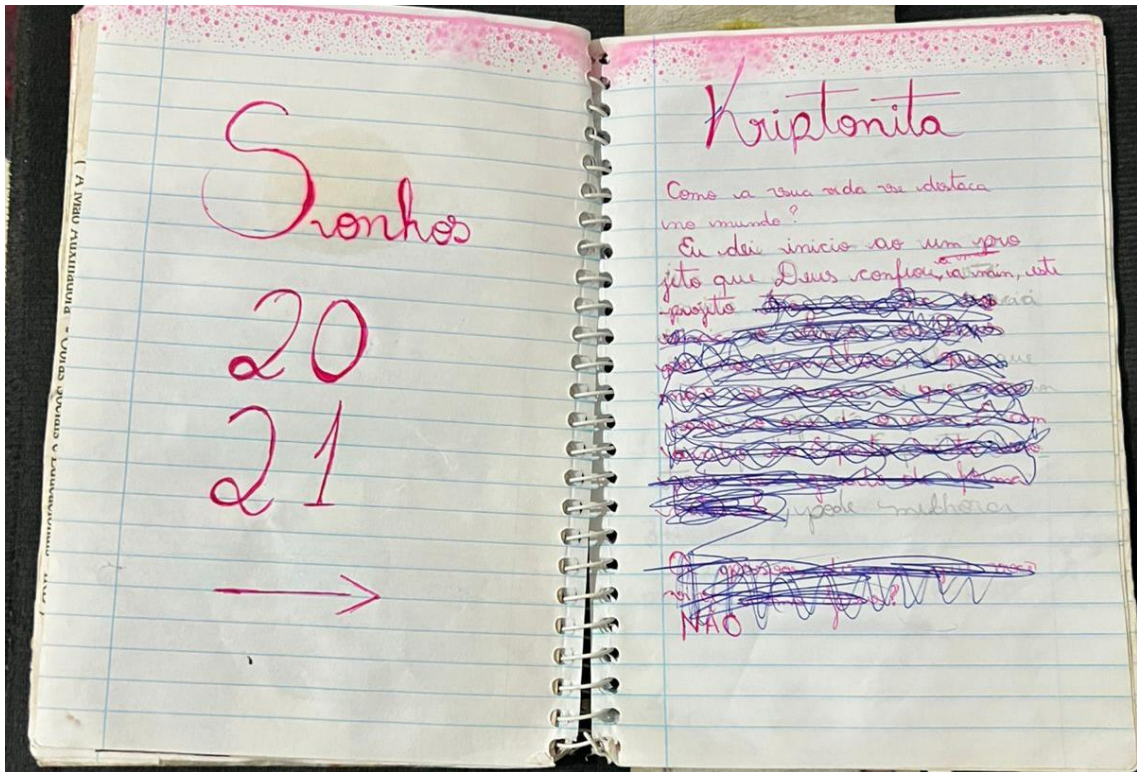
palavra da espiritualidade através
de Mateus Brito

- Deus vai te honrar muito
você não consegue nem
imaginar as coisas
grandes que Deus vai
fazer na sua vida e
através da sua vida.

2023

~~Uma~~ Uma pessoa
ligou para minha mãe e
disse que passaria uma
tempestade sobre a minha
vida, mas que ela pode
se reconstruir porque Deus estava
me levando para viver
algo maior. Ele disse que
eu aprenderia muitos ~~coisas~~
por coisas de outros





* Aquilo que te incomoda
aponta para o seu próprio
lado.



2020

comecei
uma vida
2020 eu
consegui
~~os meus~~
objetos.
sinto sobre
oprimo como
amar.

11/07/2020

Quando conhecemos
a realidade, ela tem
o poder de nos liberar.
Com isso Deus faz
que nos adaptarmos
com a realidade, sobre
a nossa vida, (traumas,
medos, dores). Ele faz
saber sobre coisas
do nosso passado, porque
ele quer nos curar
e nos libertar.

Roubaram Nossa cultura

As minhas circunstâncias
me definem e me representam



meus

to vai
circunstâncias!

resposta

posta para as

para uma mi
necessidade

1. Pagar minhas contas

2. Comprar ~~uma casa~~

3. ~~Pagar as contas~~
Fazer o curso de ~~professor~~
~~VEL~~

1. Mas que sexo gosta
As casa ~~28~~

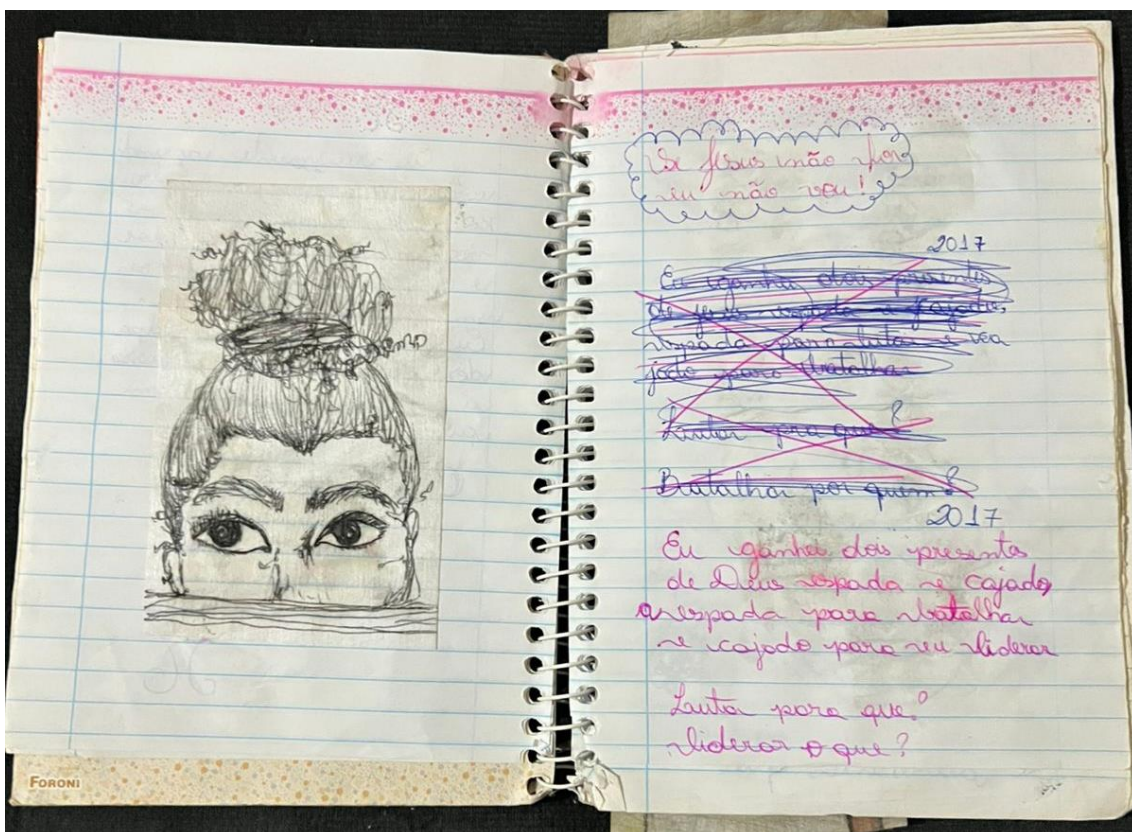
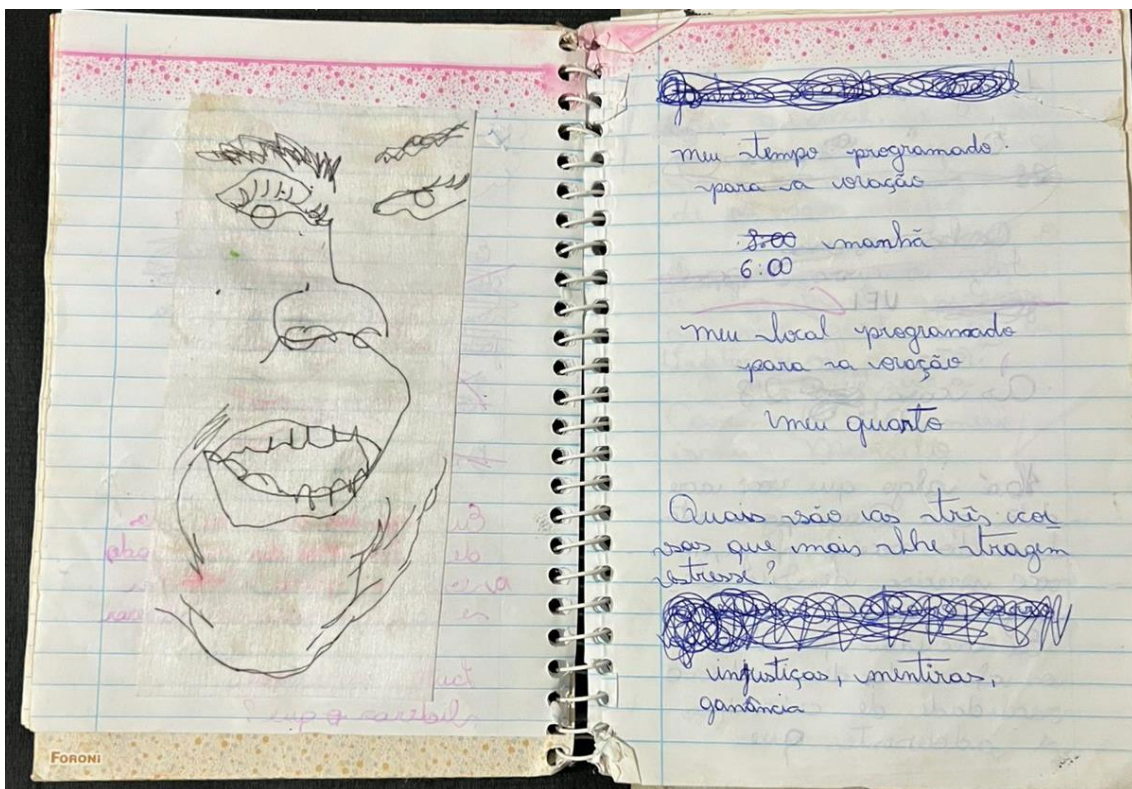
Há algo que você acredita
que Deus possa estar
fazendo você a fazer, mas
você precisa de Sua direção?

Eu acredito que tenho
o chamado de mudança
realidade de crianças
e adolescentes que

sejam abertos e explorem
seus sexual. e também
isso causará uma mudança
social que tornará igualdade
de ~~os~~ povos negros.

Há alguma necessidade
de algum ente querido
que você gostaria de se
tratar com oração?

Casamento ~~do~~ meu
irmão Marcelo ✓



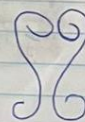
ela minha família, a realidade financeira



32

Eu realmente aprendi
o que é crescer para brin-
car. Crescer para brincar é
ver coisas para sua vida
e perceber que não pode ser
um instrumento de cura.
Eu posso de provar culpa
dos da minha vida e posso
já não por quem pode me
curar.

~~Que das minhas~~
Que das minhas
floreas vai poder
para curar.



7 de Outubro 2019



Deus vive uma mulher pro
entregar algo extraordinário
para mim ela deu um tra-
cho do livro de Mateus, capi-
tulo 6, que diz que não
devemos ter ansiedade e nos
preocupar com o amanhã,
porque o amanhã pertence
a Ele (Deus). Deus Ela tam-
bém falou que Deus vive
me honrar muito, que eu
sou muito rica e dona
de muitas propriedades
falou também que eu vou
ter um lugar de honra
aqui na terra, que Deus
através da minha vida
vai mudar a realidade

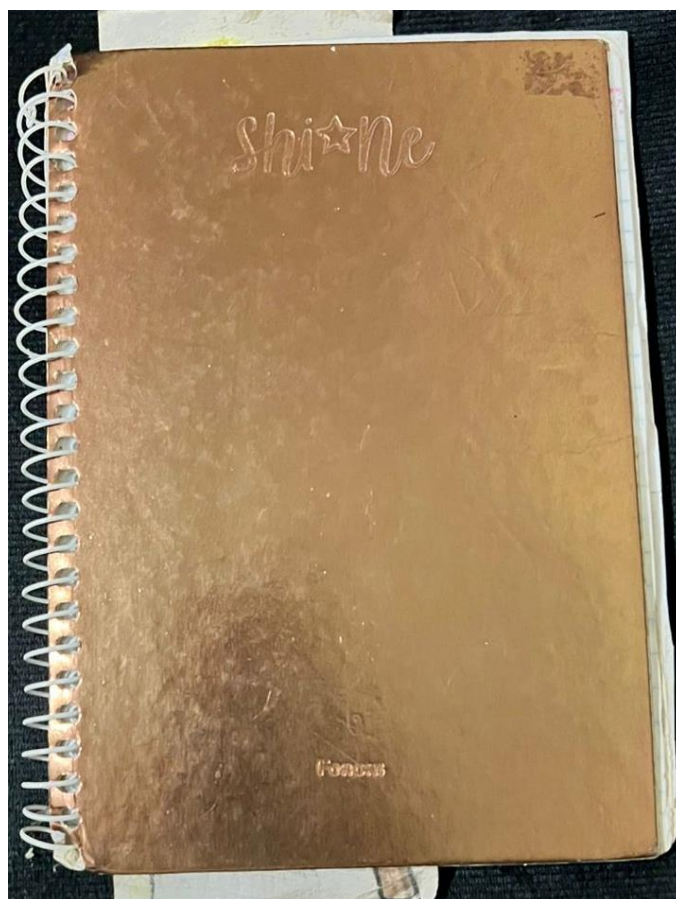
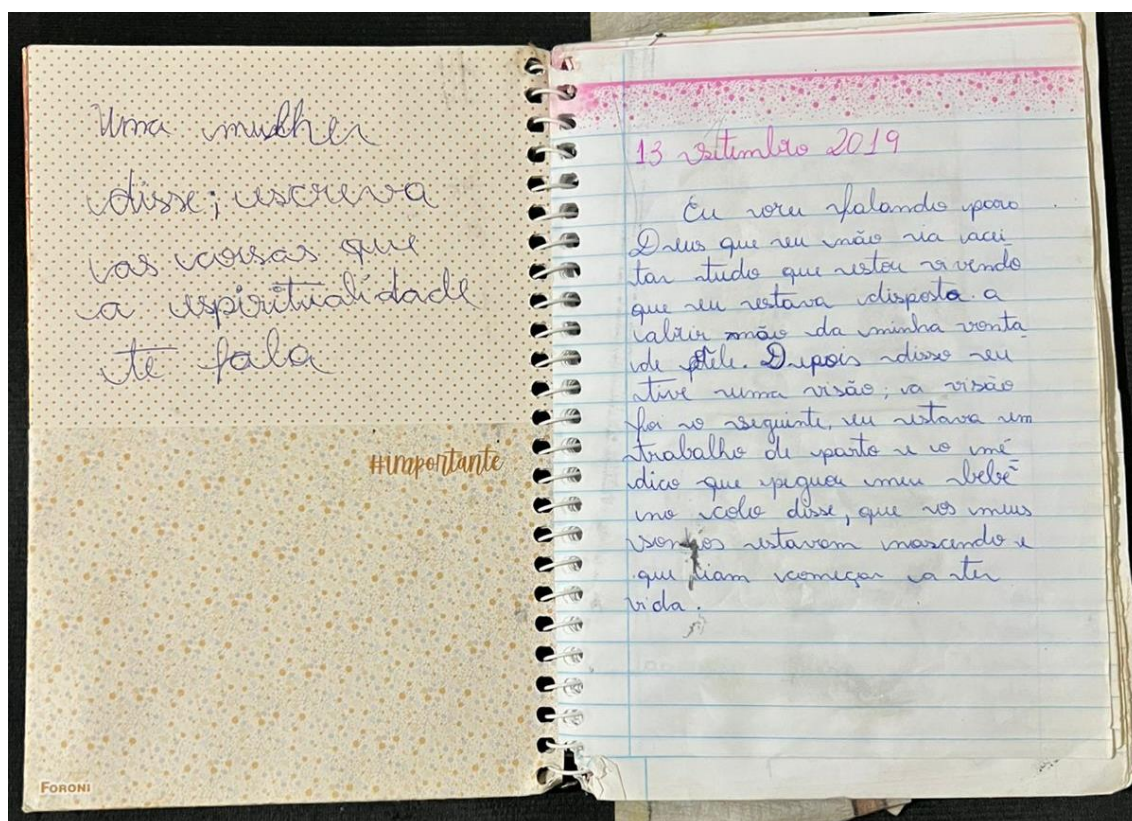


Fig. 39 a 55 – Alicia Gomes. Caderno pessoal de anotações.

A palavra conversão, expressa neste contexto, tem como significado a mudança de uma proposição em outra que tenha os mesmos termos, mas em função inversa: mudança de valores, de transformação, relativamente súbita, de uma determinada personalidade, que se manifesta pelo aparecimento de um novo papel ou caráter.

A minha única intenção é que as pessoas parem de sofrer para manter um sistema social capitalista. No começo do ano de 2025, eu conheci uma pessoa chamada Otávio. Ele convidou-me para ir em uma festa na casa da família dele, como tínhamos amigos em comum, eu fui. Chegando na festa, o Zé Pilintra⁴⁷ que acompanhava ele disse-me que eu serei uma palestrante e que falaria para milhares de pessoas. Nós devemos ter como compromisso com a humanidade, que todos os cidadãos desse país tenham a dignidade de viver bem! Como os povos indígenas nos ensinam, assim será o futuro desta nação.

Se os cristões realmente tivessem o interesse em ler a bíblia, ao invés de ouvir apenas o pastor, saberiam o quanto eles estão sendo enganados. Em Atos 2:44-25, a Bíblia no Novo Testamento afirma que: “Todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segurando a necessidade de cada um”. Hoje a igreja só retém as riquezas. Atos 4: 32 continua: “E era um o coração e alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns”.

Na música “Já Era a Igrejas”, o grupo de rap “Trilha Sonora dos Gueto”, canta assim:

Brasil, país das maravilhas e país das facção/Tem o CV, o PCC, a Universal e a televisão/Direto fala que o Marcola o Fernandinho Beira-Mar/Se encontram preso porque crimes eles foram praticar/Edir Macedo não vai preso, é um honesto cidadão/Melhor dizendo não vai preso porque não é lá do Capão/Brasil tá mesmo é precisando de um Bin Laden de bombeta/Daquelas que é branco e vinho, um vida loka com certeza/Que não tem medo de falar e não tem pena de dizer/Quem enganar o povo leigo é ser pior que o PCC/Alô, alô, alô, fala que eu te escuta/Me dá o teu dinheiro e vive igual filha da puta/Alô alô alô, igreja é tudo igual/Não importa se é católica ou é Universal/Alô, alô, alô, cuidado meus irmãos/Pega o seu dinheiro e vai comprar alimentação/Alô alô alô, cuidado com o Edir Macedo/Que fala na TV que é rico com o seu dinheiro.

⁴⁷ Entidade presente nas religiões de matriz africana, que pertence ao grupo de esquerda na gira, entidade da rua, encruzilhadas. Para referenciar essa entidade é feito oferendas de pingas e cigarros. Um bordão utilizado para soldá-lo é: “Salve a malandragem”.

Quando o MC Poze do Rodo foi preso⁴⁸, por apologia ao crime, quem o prendeu falou que uma música está matando mais que uma bala de arma. Durante os séculos 19 e 20, o samba e a capoeira também eram considerados crime⁴⁹. O pioneiro sambista João da Baiana (1887-1974), chegou a ser preso, quando saía de casa com seu pandeiro, a polícia o parava pelas ruas do Rio de Janeiro; um senador ficou sabendo da prisão, e como o senador Pinheiro Machado gostava muito do ritmo musical, chamou o sambista até o seu gabinete e lhe presenteou com outro pandeiro, porque o de João tinha sido apreendido. O senador chegou a assinar o pandeiro, mas mesmo assim os policiais não pararam de perseguir o sambista, quando percebiam que havia assinatura de um político no instrumento, não o prendiam. Neste sistema pós escravidão ainda precisamos do aval do branco para sermos livres.

Cantar samba era considerado crime, porque a arte do samba denunciava o que estava acontecendo com os negros durante o processo de escravidão, como a música Leilão de Escravo, Samba-Enredo 1961 - da escola de samba G.R.E.S. Unidos da Tijuca (RJ):

Quem dá mais, quem dá mais (bis)/Negro é forte, rapaz/Era assim/Apregado em leilão (bis)/O negro que era trazido para a escravidão/Ao senhor era entregue/Para qualquer obrigação/Trabalhava no engenho da cana/Plantava café e colhia algodão Enquanto isso/Na casa grande, o feitor/Ouvia as ordens/De um ambicioso senhor/Ôôôô/Tenha pena de mim, meu senhor (bis)/Tenha por favor/E o negro trabalhava/De janeiro a janeiro/O chicote estalava/Deixando a marca do cativo/E na senzala/O contraste se fazia/Enquanto o negro apanhava/A mãe preta embalava/O filho branco do senhor que adomercia/Ôôôô/Tenha pena de mim, meu senhor (bis)/Tenha por favor.

A falsa liberdade que nos foi dada a partir da assinatura da Lei Áurea, no ano de 1888, dia 13 de maio é considerada a data em que a princesa Isabel assinou um papel, para libertar os escravizados. Mas acredito que se a liberdade precisa de um papel assinado para acontecer ela não é uma liberdade real. O que fez alguns pretos acordarem do coma da escravidão foram os batuques do samba e a arte dos versos musicais do povo, que tornou e ainda torna livre as mentes que estavam aprisionadas pela escravidão.

O samba é tão provocativo quanto o Rap e o funk, sinto que ainda não entendemos que o único lugar que a arte pode pesquisar é na vida, e quando cantamos na música sobre

⁴⁸ Notícia sobre o caso: <https://noticiapreta.com.br/mc-poze-d-e-preso-por-apologia-ao-crime-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 13 maio 2025.

⁴⁹ Acesse a matéria neste link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51580785>. Acesso em: 13 maio 2025.

o crime organizado, não porque estamos fazendo apologia ao crime, é porque estamos vendo o crime organizado acontecendo na nossa rua, à luz do dia.

A produção artística da periferia é uma convocação à consciência e à ação, para nos acordar do coma da escravidão, nos fazendo lutar por um futuro melhor para as gerações futuras, longe das mazelas que assolam as periferias. Se hoje fosse-me perguntado qual seria meu superpoder, eu responderia como a criança da introdução da música dos Racionais Mc's citada anteriormente: "não existiria droga, nem fome e nem polícia". Acredito que assim meu povo encontrará a verdadeira liberdade. Estamos fazendo aquilo que Paulo Freire nos orientou, afirmando que o oprimido depois de liberto, tem que libertar os demais oprimidos e também libertar o opressor, avisando-o sobre os efeitos da opressão promovida por estes, mas muitos destes não entendem e não querem libertar nenhum oprimido, pois isso ameaçaria seus privilégios.

Somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. O sonho do oprimido é se libertar do opressor (Freire, 1987). Mas ninguém liberta ninguém, muito menos se liberta sozinho: o povo se liberta na luta coletiva. Organizemos o nosso ódio para partimos para a luta. O Projeto L.I.C está na luta por liberdade, igualdade e conhecimento.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS ou TROCANDO MAIS IDEIAS COM PAULO FREIRE

Para trazer Freire para trocar essas derradeiras ideias com a gente, é importante lembrarmos que este visionário viveu durante o processo de ditadura, chegando a ficar preso e, dentro do presídio, usar da pedagogia para se relacionar com os demais detentos, tornando acessível o conhecimento a essas pessoas.

Com lançamento previsto para 13 de maio, o Programa Nacional de Alfabetização pensado por Paulo Freire seria extinto em 14 de abril, treze dias depois do golpe militar. Com a tomada do poder, o Governo aproveitou a ocasião para fazer acusações ao trabalho que Paulo e sua equipe vinham desenvolvendo durante o seu mandato como Ministro da Educação; apontaram o material didático produzido como contrário aos interesses da nação e acusaram seus autores de quererem implantar o comunismo no país⁵⁰. Parece que para o sistema governamental, a liberdade do oprimido é chamada de sistema comunista.

Paulo Freire afirma que se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão e na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada (Freire, 1987).

E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (Freire, 1987).

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existência, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa.

⁵⁰ https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/22/cultura/1571754417_189523.html. Acesso em: 16 abr. 2025.

Encerro este trabalho de conclusão de curso por meio de muitas ideias presentes no livro “Pedagogia do oprimido” (1987), por acreditar que este educador nos auxilia a olhar de maneira crítica para trás, para um passado doloroso e repleto de injustiças, e ao mesmo tempo, olhar para frente, para aquilo que precisa ser feito e que este trabalho, de forma modesta, almeja: instaurar um pouco mais de igualdade entre as pessoas, em todos os sentidos. Como coloca Freire (1987) na obra citada, a realidade social, objetiva, não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens; também não se transforma por acaso, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Sendo assim, almejo, de algum modo, transformar, utilizando a escrita de si (por meio de palavras e/ou imagens) enquanto arma coletiva.

8. REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *É fragrante fojado dōtor vossa excelência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2024.
- AZEVEDO, Reinaldo. *O IBGE e a religião* — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. 2020. In: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BASBAUM, Ricardo. *Manual do Artista - etc.* - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BEZERRA DA SILVA. *Vítimas da Sociedade*. Sony Music Entertainment Brasil LTDA, 1985. 3 '04 minutos.
- BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. In: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 544, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16472>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- COELHO, Elke. *Coisas de Iracema*. Londrina: UEL, 2017.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DJONGA. *Hat-trick*. Macaco Indústria Criativa Eireli, 2019. 4 '52 minutos.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26 – 47.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48 – 57.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS JÚNIOR, Renato Almeida. *A prisão diluída: uma análise das relações entre a prisão e os bairros periféricos de Curitiba*. 2017. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, interpretações e diálogos*. Organização Flavia Rios e Márcia Lime. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCKAY, Claude. *Porque eu odeio/poemas de Claude McKay*. Tradução de Felipe Melhado e Gabriel Daher. Londrina: Grafatório, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. *Oyá Bethânia: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PIMENTEL, Márcia. *Astronomia africana e Ensino Fundamental*. In: <https://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17921-astronomia-africana-e-ensino-fundamental>. Acesso em: 9 jan. 2025.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. *Oiá-Bethânia: amálgama de mitos - uma análise sócioantropológica da trajetória artística de Maria Bethânia sob a influência de elementos míticos do orixá Oiá-Iansã*. Monografia Final de Curso. Salvador: FACOM/UFBA, 2004.

RACIONAIS MC 's. *Mágico de Oz*. Cosa Nostra: São Paulo, 1997. 7'36 minutos.

RAMOS, Rodrigo Maciel. A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João Del-Rei, v. 16, n. 2, p. 1-16, jun. 2021. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 01-26.